



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FABIENNE NEIDE DA CUNHA

**MULHER NEGRA NO ENSINO SUPERIOR:
“EU QUERO FAZER PARTE DESSA SOCIEDADE”**

FLORIANÓPOLIS

2015

FABIENNE NEIDE DA CUNHA

**MULHER NEGRA NO ENSINO SUPERIOR:
“EU QUERO FAZER PARTE DESSA SOCIEDADE”**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia, Centro de Ciências da Educação - CED, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, apresentado como requisito para à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientação da Prof^a. Dr^a. Joana Célia dos Passos.

FLORIANÓPOLIS

2015

FABIENNE NEIDE DA CUNHA

**MULHER NEGRA NO ENSINO SUPERIOR:
“EU QUERO FAZER PARTE DESSA SOCIEDADE”**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e adequado para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 17 de Julho de 2015

Prof.º Dr.º. Jéferson Silveira Dantas
Coordenador do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Prof.ª Dr.ª Joana Célia dos Passos
Orientadora
(EED/CED/UFSC)

Prof.ª. Dr.ª. Justina Sponchiado
(TAE/CED/UFSC)

Prof.ª. Dr.ª. Renata Orlandi
(UFFS/UFSC)

Prof.ª. Dr.ª. Angélica Silvana Pereira (suplente)
(EED/CED/UFSC)

À minha doce avó Maria (*in memoriam*), com amor e saudade.
Sinto sua presença sempre.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço e brindo a vida e a magnitude de estar viva! Rememorar tudo o que foi vivenciado por mim nestes vinte e nove anos de existência é nostálgico. Caminhei e explorei universos díspares; conheci, aprendi e vivi muitas coisas. Acertei e erreí diversas vezes, sorri e chorei também. Viver é um processo ininterrupto de existir e cabe a nós traçarmos um destino para nossa vida.

Agradeço aos meus pais Abelardo e Neide por me apoiarem neste momento importante da minha vida, pois, conviveram com minhas alegrias, meus anseios, minhas frustrações, meus medos, minhas lágrimas e sorrisos, e também, minhas angústias em relação à elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Fizeram-se presentes em todo o processo da minha graduação no Curso de Pedagogia, me respaldaram com seus sorrisos, seus abraços aconchegantes, me deram colo quando mais precisava, me aconselharam, me guiaram pelo caminho da dignidade e honestidade. As palavras tornam-se poucas para descrever a imensidão do meu amor e gratidão por eles, pessoas de bem e do bem. Minha mãe é a mais bela razão de ser e existir e meu pai meu herói. Juntos são meu alicerce, minha vida e meus eternos amores.

Agradeço ao meu irmão Tiago que é minha referência e meu estímulo nos estudos. Quando surgiam os pensamentos de “não conseguir”, recordava-me do seu esforço, determinação e força de vontade para concluir seus objetivos na vida. Pessoa fundamental e muito especial em minha vida, mesmo residindo em cidades distantes, sinto-me diariamente abraçada e envolta com suas palavras de incentivos e positivas para nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço as pessoas que conheci e aprendi a amar nestes anos de graduação, que participaram com mais ou menos intensidade, me apoiando nos momentos em que precisei de palavras fortes e amargas que me impulsionassem neste período tão delicado e primordial do meu Curso. Agradeço as pessoas que de fato tornaram-se meus amigos, pois, uma relação de amizade não é fácil de administrar.

Agradeço a Elizabete, e no momento no qual estou escrevendo sinto a sensação carinhosa do nosso abraço apertado de bom dia. Nossa amizade aconteceu de uma forma tão singela, nossos olhares se cruzaram e desde então nossos abraços matinais foram tornando-se mais frequentes e estes, por sua vez, me deram força e ânimo para continuar na batalha diária da vida e da graduação. É uma pessoa especial e estará para sempre presente em meu coração. Obrigada por tudo.

Agradeço a atenção e o carinho de todos os docentes que participaram da minha

trajetória e construção da minha identidade docente. Durante os quatro anos e meio de graduação, inúmeras pessoas contribuíram significativamente para minha evolução e transformação. Alguns tornaram-se mais próximos, outros não muito, porém, cada qual com seu jeito e suas perspectivas deixaram marcas pedagógicas e profissionais que ampliaram minha ótica e minha leitura acerca do universo educacional e das relações estabelecidas entre os indivíduos. Ocorreram metamorfoses valiosas e aprendizados únicos em minha vida em todos os âmbitos da mesma.

Agradeço imensamente a minha orientadora Joana Célia dos Passos. Nossa história se inicia na primeira fase do Curso, a mesma ministrou uma disciplina chamada Diferença, Estigma e Educação. Foi a partir deste momento que comecei a mudar minha visão sobre as questões raciais, ao preconceito e as desigualdades de gênero e de raça que a população negra sofre. Gostei das temáticas abarcadas nas aulas, porém, nesta fase não foram temas dos quais mais me interessei muito. Construimos uma amizade e um coleguismo bem bacana entre professora e acadêmica neste período. Os anos se passaram e o destino se encarregou de nos colocar frente a frente novamente em uma nova etapa e um novo desafio para mim. No ano de dois mil e quatorze iniciei minha participação no Projeto Acolher coordenado pela docente. Foi um ano de muitos estudos em grupo e individuais, pesquisas e reuniões que subsidiaram ótimos frutos para este respectivo ano de dois mil e quinze que está sendo repleto de novos conhecimentos, novos desafios e novas conquistas pessoais e profissionais. O Projeto Acolher foi sem dúvidas um divisor de águas no meu percurso acadêmico, contribuiu positivamente para a abertura de outros mundos dos quais estava até o presente momento distante. Foram tantas descobertas neste universo das relações étnico-raciais que acabou resultando na elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A professora Joana soube semear e regar sabiamente minha vontade e inquietações acerca do tema, edificamos uma amizade que perpassa a de coordenadora de um Projeto ou de docente. Hoje a intitulo como uma amiga que sabe elogiar e dar broncas quando necessário. Agradeço ao apoio que ela gentilmente me dedicou neste tempo de ensaiar ser pesquisadora, me acompanhou em todos os momentos de incertezas, de certezas, de alegrias e medos durante a realização da investigação. Por ter acreditado em meu potencial e na minha força de vontade em descobrir este cosmos tão impactante e intrigante das relações étnico- raciais.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta (MANDELA, 1995, "Long Walk to Freedom").

RESUMO

A presente pesquisa analisa a trajetória escolar de uma mulher negra cotista estudante no Curso de Pedagogia a fim de compreender como ocorreu seu percurso até a chegada ao Ensino Superior e quais os desafios e enfrentamentos experienciou até ser pertencente ao universo acadêmico. E ainda, como vivenciou as relações étnico-raciais e de gênero em seu processo formativo. A pesquisa foi desenvolvida em duas dimensões distintas: pesquisa teórica e a pesquisa empírica, ambos os processos complementam-se entre si mesmo possuindo distinções nas metodologias empregadas para cada tipo de exploração. Foram priorizados como processos metodológicos para o desenvolvimento desta investigação: a realização de entrevista semi-estruturada e os levantamentos de dados bibliográficos que subsidiaram toda a tessitura deste trabalho. Para as análises a interlocução foi com: MUNANGA (2003 ; 2006), PASSOS (2013), LOURO (2003; 2000; 1997), GUIMARÃES (2012), GOMES (2005), HALL (2002), DEMO (2011), LUDKE; ANDRÉ (1986), BARDIN (2011), MIRANDA (2011), SOUSA (1983), SOUZA (2013), DUARTE (2004), (WELLER (2007), MINAYO (2012) e DELGADO (2006). A análise de conteúdo da entrevista realizada permitiu identificar que a trajetória de vida desta mulher negra é marcada por desigualdades raciais e de gênero, onde esta trava batalhas diárias em uma sociedade que invisibiliza a mulher negra deixando-a na margem do esquecimento. Percebemos ainda que a constituição da identidade da mulher negra e seu “aceite” em ser negra ocorre em meio aos estereótipos impostos pelos brancos numa realidade vivenciada na pele pela mulher negra.

Palavras-chave: trajetória de vida; mulher negra; identidade.

ABSTRACT

This research analyzes the school life of a black female shareholder student in Education Course in order to understand how was her journey until higher education and what challenges and confrontations she experienced until be part of the academic universe. And yet, as she experienced ethno-racial and gender relations in her formative process. The research was conducted in two distinct dimensions: theoretical research and empirical research, both processes complement one another despite having distinctions in the methods used for each type of exploitation. They were prioritized as methodological process for developing this research: carrying out semi-structured interviews and surveys of bibliographic data that supported the whole construction of this work. For the analyzes the dialogue was to: MUNANGA (2003 ; 2006), PASSOS (2013), LOURO (2003; 2000; 1997), GUIMARÃES (2012), GOMES (2005), HALL (2002), DEMO (2011), LUDKE; ANDRÉ (1986), BARDIN (2011), MIRANDA (2011), SOUSA (1983), SOUZA (2013), DUARTE (2004), (WELLER (2007), MINAYO (2012) e DELGADO (2006). The content analysis of the interview identified that the life story of this black woman is marked by racial and gender inequality, in which she hangs daily battles in a society that turns the black woman invisible leaving her on the edge of oblivion. We also realize that the constitution of identity of the black woman and her own “acceptance” as being black take place among stereotypes imposed by white people in a reality experienced by the black woman.

Keywords: life course; black woman; identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. Aprendizados, vivências e reflexões: a última fase do Curso de Pedagogia.....	11
1.2. Tecendo o Trabalho de Conclusão de Curso: o início do experienciar ser pesquisadora.....	14
2. OS PROCESSOS FUNDAMENTAIS PARA O DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	17
2.1. Os desdobramentos da metodologia de pesquisa.....	17
2.2. Contextualização da escolha do sujeito da pesquisa.....	21
2.3. O estado do conhecimento.....	23
2.4. A importância da entrevista e o delineamento da questão geradora.....	28
2.5. Os procedimentos imprescindíveis para analisar a entrevista: a transcrição e a análise de conteúdo.....	30
3. IDENTIDADE NEGRA, QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO: NA UNIVERSIDADE E NO CURSO DE PEDAGOGIA.....	35
3.1. Revisitando os principais conceitos.....	35
3.2. Uma trajetória de vida marcada por sentimentos pulsantes: " <i>eu sou negra, eu tenho sangue de negro na veia</i> ".....	39
3.3. A Universidade e o Curso de Pedagogia: " <i>a primeira da família que está fazendo curso superior</i> ".....	49
3.3.1. O Curso de Pedagogia e sua estruturação.....	57
3.4. Tornar-se negra: " <i>uma construção desde a infância, o deixar de ser negro, por que negro era ruim, negro era pejorativo</i> ".....	61
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72

6. APÊNDICE.....77

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....77

APÊNDICE II - PERGUNTA GERADORA E ROTEIRO DA ENTREVISTA.....78

1. INTRODUÇÃO

A violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se auto-restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade (COSTA, 1982, p.10).

1.1. Aprendizados, vivências e reflexões: a última fase do Curso de Pedagogia

O momento tão esperado no Curso de Pedagogia finalmente chegou! O último semestre da graduação reserva muitas surpresas, emoções e conhecimentos com a imersão no universo de experienciar ser pesquisadora pela primeira vez. Quando adentrei na graduação por meio de transferência interna, pois fazia Letras e Literatura Italiana, não fazia ideia que havia tantas especificidades no âmbito da educação e seus desdobramentos. Inicialmente fiquei um pouco assustada confesso, porém gradativamente fui consolidando-me e construindo minha identidade como futura docente. Algumas centenas de noites em claro elaborando artigos, resenhas, fichamentos, planos de aula e de leituras me impulsionaram a vislumbrar o mundo educacional de outra maneira, colocando-me como ponto principal para aquilo que eu almejo realizar com êxito.

Eis um ciclo que será finalizado para outro nascer perseverante na busca incansável em oferecer uma educação de qualidade para os pequenos estudantes. Consiste em ser uma singela mistura de apreensão, ansiedade, expectativa e receio perpassada por uma imensa vontade de realizar uma pesquisa de qualidade que forneça suporte futuro para a entrada no mestrado. É chegado o momento de rememorar leituras, de buscar novos aportes teóricos, de debruçar-se sobre o tema escolhido e despir-se do ser docente para ser pesquisadora.

Pesquisar não é uma tarefa fácil, demanda muitas leituras e buscas diárias de produções acadêmicas que tratem da temática a ser investigada. É um processo que deve ser bem delimitado, pois os campos são imensos. Nas palavras de Ludke e André (1986)

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 1-2).

Este é o compromisso que assumimos quando nos colocamos em evidência. Ser uma investigadora é confrontar tudo o que coletamos para posteriormente podermos alinhar os pontos e ligá-los, com o intuito de desenvolver uma pesquisa que advenha a contribuir para o universo acadêmico na esfera das questões étnico-raciais e de gênero, com enfoque na trajetória de vida de uma mulher negra.

Falando um pouco acerca da minha identidade étnico-racial, meu avô paterno era negro e minha avó era de descendência alemã, meu pai não possui fenótipo negro, apenas tem o cabelo meio ondulado e herdou uma doença que geneticamente advém dos negros, a anemia falciforme¹. Minha mãe é de descendência açoriana, meus avôs maternos são brancos. Eu herdei geneticamente do meu pai os traços da anemia falciforme ou traço falcêmico², sou branca, de olhos claros, possuo algumas sardas no rosto e corpo, sou alta e não tenho fenótipo negro.

A minha identidade étnico-racial me coloca num lugar “delicado” quando se trata deste tema. Ser branca e pesquisadora na área das questões étnico-raciais é algo que ainda nos dias de hoje causa certo “desconforto” para aqueles que não visualizam uma pessoa branca discutindo e/ou investigando essa temática pelo fato de não ser negra. Desde o início quando interessei-me em discutir sobre as questões raciais já era de meu conhecimento que não seria uma tarefa fácil, pois esse campo é muito intenso e carregado de marcas históricas. Marcas essas que me empulsionaram a querer saber mais, a conhecer mais e a ir mais além no processo investigativo no qual me encontrei

¹A anemia falciforme é uma doença genética e hereditária, predominante em negros, mas que pode manifestar-se também nos brancos. Ela se caracteriza por uma alteração nos glóbulos vermelhos, que perdem a forma arredondada e elástica, adquirem o aspecto de uma foice (daí o nome falciforme) e endurecem, o que dificulta a passagem do sangue pelos vasos de pequeno calibre e a oxigenação dos tecidos. As hemácias falciformes contêm um tipo de hemoglobina, a hemoglobina S, que se cristaliza na falta de oxigênio, formando trombos que bloqueiam o fluxo de sangue, porque não têm a maleabilidade da hemácia normal. **Causas:** A anemia falciforme é causada por mutação genética, responsável pela deformidade dos glóbulos vermelhos. Para ser portador da doença, é preciso que o gene alterado seja transmitido pelo pai e pela mãe. Se for transmitido apenas por um dos pais, o filho terá o traço falciforme, que poderá passar para seus descendentes, mas não a doença manifesta.

FONTE: Doutor Drauzio Varella. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/letras/a/anemia-falciforme/>. Acesso 3 de Agosto de 2015, (grifo nosso).

²[...] “traço falcêmico”, a alteração genética herdada dos pais que não é suficientemente forte para se manifestar como doença. É uma condição na qual a pessoa, apesar de não apresentar anemia em exame de rotina (hemograma), carrega consigo um tipo de hemoglobina anormal, chamada “hemoglobina S”. Quando nascemos, herdamos de nossos pais a cor da pele, dos olhos, tipo e cor do cabelo, o tipo físico etc. Podemos, também, herdar a hemoglobina S, responsável pelo traço falcêmico. Geralmente, o portador de traço é completamente assintomático. Entretanto, é aconselhável que sempre que for à consulta médica por algum problema, a condição de portador do traço falcêmico seja informada ao médico (2004, p. 3-4)

FONTE: Tenho traço falcêmico... E agora? Manual do Paciente. Guia de Orientações sobre Traço Falcêmico. HEMORIO: Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: http://www.hemorio.rj.gov.br/Html/pdf/manuais_2010/Tenho_traco_falcemico_agora.pdf. Acesso 3 de Agosto de 2015.

no desenvolvimento desta pesquisa. A cada nova leitura e a cada nova descoberta aumentavam e alimentavam o meu ser pesquisadora, é uma temática que envolve e captura aqueles que realmente se encontram nesse tema. A minha trajetória como pesquisadora esta escrita, irei continuar estudando, pesquisando, investigando e me aprofundando nessa âmbito instigador das relações étnico-raciais e de gênero buscando novos conhecimentos.

Durante o período da graduação vivenciei e experienciei muitas coisas boas e não tão boas, aprendi com erros e acertos. Fui construindo móveis para minha própria trajetória dentro do Curso de Pedagogia; não somos mobilizados somente pelos nossos docentes, o indivíduo deve querer sempre estar em constante processo de mobilização. Nós somos sujeitos em construção que necessitam de novas experiências para continuarmos o desenvolvimento humano, que é algo inacabado; não nascemos prontos vamos nos constituindo historicamente e socialmente como seres humanos num processo contínuo.

Ao longo de minha caminha busquei ter clarividência ao olhar o contexto de tudo que estava a minha volta, desde as particularidades das pessoas até mesmo as minhas; aprendi e amadureci com todos aqueles que fizeram-se presentes neste tempo. E ainda, procurei ter resiliência para conseguir driblar os pequenos percalços que surgiram neste momento tão importante e único da graduação o de ensaiar ser pesquisadora. Momentos dos quais irei rememorar para sempre como sendo a primeira experiência concreta do experienciar ser investigadora.

No término desta graduação, sinto-me completamente realizada, tanto pela escolha do Curso quanto pela formação que encontrei dentro da Universidade. Claro que falhas em todos os Cursos encontramos, não seria diferente na Pedagogia. Porém, ao invés de ficar me lamentado, sempre fui uma pessoa de querer mais, de não ficar esperando, mas sim de correr atrás de meus sonhos e objetivos profissionais. Esta foi a carreira que escolhi, esta é e será minha profissão, ser docente. A minha identidade docente foi alicerçada por todas as vivências, experiências, trocas de conhecimentos e aprendizados que experienciei neste período. Cada professor que se fez presente neste tempo singelamente deixou sua marca em mim, uns em maiores proporções outros em menos intensidade, engrandecendo significativamente para me tornar uma professora capaz de caminhar pelo mundo educacional.

Tentarei ser uma professora como Freire (2010) poeticamente expõe, buscarei lutar contra as desigualdades, contra o desengano e a desilusão de uma educação sem futuro.

Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não obrigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste (FREIRE, 2010, p. 102-103).

Lutar e lutar contra as injustiças e os desencontros na educação com o intuito de propiciar e oferecer uma educação com qualidade e que acima de tudo respeite os direitos e deveres das crianças e suas particularidades.

1.2. Tecendo o Trabalho de Conclusão de Curso: o início do experienciar ser pesquisadora

O desenvolvimento desta pesquisa e a escolha do tema partem de minhas inquietações e indagações acerca da trajetória da mulher negra até sua chegada no Ensino Superior e quais os desafios e enfrentamentos experienciou até se sentir pertencente ao universo acadêmico. E ainda, como vivenciou as relações étnico-raciais e de gênero em seu processo formativo. Interessa saber também como se constituiu em sua trajetória de vida, as desigualdades raciais e de gênero, as lutas, os sonhos, os desafios, as expectativas no seu emergir ao mundo acadêmico.

Todo o desdobramento do processo dessa investigação, deste ensaio de ser pesquisadora no qual me encontro transcorre sob a luz de entrevistas e sobre aportes de teóricos e estudiosos das áreas que corroboram com a temática a ser perscrutada. Assumir a postura de ser pesquisadora, de buscar referenciais, de desvelar novos conhecimentos e conceitos acerca do que se propôs a estudar, caminhar por estradas até então não percorridas academicamente, conhecer novos teóricos e revisitar os conhecidos. Vivenciar momentos de anseios e incertezas, de frustrações e contentamentos, de angústias e por fim orgulho. Orgulho este de chegar ao término dos estudos e poder concluir que consegui e que dentre a miscelânea de sentimentos perpassados nesta trajetória o resultado para este momento de experienciar ser pesquisadora foi materializado com êxito e dedicação.

Falar sobre preconceito, de raça, de cor, de discriminação, de gênero e de mulher negra serão alguns dos enfoques desta escrita. Toda a temática está arrolada com a

explicação dos conceitos e concepções acima citados e dentre outros que são pertinentes e relevantes para o processo da investigação.

Corroborando com a fundamentação da pesquisa, são utilizados alguns apontamentos de MUNANGA (2003 ; 2006), PASSOS (2013), LOURO (2003; 2000; 1997), GUIMARÃES (2012), GOMES (2005), HALL (2002), DEMO (2011), LUDKE; ANDRÉ (1986), BARDIN (2011), MIRANDA (2011), SOUSA (1983), SOUZA (2013), DUARTE (2004), WELLER (2007), MINAYO (2012) e DELGADO (2006).

As temáticas do racismo, de desigualdades raciais, de preconceitos e de lutas da população negra são conhecidas historicamente, perpassando as gerações e adquirindo novas roupagens. Quando o foco são as mulheres negras há um agravamento, pois, sofrem com as desigualdades sociais em todos os âmbitos da sociedade, seja no mercado de trabalho, seja nos Cursos que são considerados somente para homens, e também, ocorrem casos nas próprias famílias. Infelizmente a realidade da mulher negra se difere muito da mulher branca, que em suma, tem sua vida facilitada, pois vem de uma linhagem onde a cor não importa. Já as mulheres negras, seja em que área for, muitas vezes o racismo fala mais alto e rege as normas se é apta ou não para tal tarefa.

Conhecer as trajetórias de mulheres negras na Universidade é importante para que possamos perceber o quão árduo e doloroso é para estas mulheres sua entrada neste universo repleto de contradições.

Acerca disto, Holanda e Weller (2014) pontuam que

Investigar as trajetórias de estudantes que ingressaram na universidade pelo sistema de cotas pode fortalecer o debate e possibilitar a consolidação de políticas públicas que contemplem a população negra, e contribuam para a diminuição das desvantagens em relação à população branca. Não se trata de racismo às avessas ou acirramento do racismo, mas de contestar o mito da democracia racial no Brasil, que favorece o silêncio e reforça as desigualdades sociais (HOLANDA; WELLER, 2014, p.58).

Um grande marco e também um avanço para o advento das mulheres negras no ingresso no Ensino Superior foi a implementação das ações afirmativas e a promoção da igualdade de gênero e étnico-racial. Tais surgimentos possibilitaram e encheram de entusiasmo as mulheres negras que não conseguiam se visualizar dentro de uma Universidade. Enfim o sonho tornava-se possível e ao alcance de todas. Nas palavras de Weller (2007)

A implementação de ações afirmativas e de políticas de promoção da igualdade de gênero e étnico-racial implica também um sistema de acompanhamento e avaliação, assim como de estudos teóricos e pesquisas empíricas que possam contribuir para a fundamentação dos programas educacionais voltados para a redução das desigualdades de gênero, étnico-raciais, da discriminação e do preconceito em relação às mulheres, aos afrodescendentes e aos homossexuais (WELLER, 2007, p. 134).

A partir deste momento, as mulheres negras e os demais pertencentes a este grupo viram-se estimuladas/os a terem uma graduação, visando possuir uma qualidade de vida melhor a partir do ingresso ao mundo acadêmico.

Algumas questões emergiram para a tessitura deste Trabalho de Conclusão de Curso tendo como base as mulheres negras e suas respectivas trajetórias de vida, relações étnico-raciais e de gênero até chegaram ao Ensino Superior, entre elas destacamos: como elas vivenciam seus percursos acadêmicos? Como vivenciam as questões de gênero e étnico raciais na universidade? o que é ser estudante negra cotista? O que pensam sobre as cotas étnico-raciais nas Universidades? Estas e outras problemáticas pertinentes ao tema que surgiram no decorrer do processo investigativo desta pesquisa são respondidas de acordo com as análises e estudos realizados ao longo deste percurso.

O objetivo central consiste em analisar a trajetória escolar de uma estudante negra e cotista do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, afim de compreender como vivenciou as relações étnico-raciais e de gênero em seu processo formativo. Com relação aos objetivos específicos, estes consistem em realizar revisão bibliográfica e o estado do conhecimento acerca do tema: escolarização e identidade de mulheres negras, desigualdades raciais e desigualdades de gênero. Realizar entrevistas narrativas com as estudantes selecionadas do Curso de Pedagogia, e ainda, elaborar a análise do conteúdo da entrevista. As hipóteses que inicialmente foram levantadas são:

- ✚ Devido às desigualdades no processo de escolarização as mulheres negras têm seus percursos escolares interrompidos retornando a modalidade da Educação de Jovens e Adultos - EJA para a conclusão dos estudos. Esse retorno fortalece suas expectativas em relação aos seus projetos de futuro onde a Universidade vai se constituir num desses projetos;
- ✚ Nos últimos anos as Ações Afirmativas têm se constituído num projeto importante para a melhoria das condições de vida das mulheres negras.

2. OS PROCESSOS FUNDAMENTAIS PARA O DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

[...] o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente. Assim sendo, o pesquisador estará sempre buscando novas respostas e novas indagações no desenvolvimento do seu trabalho (LUDKE e ANDRÉ, p.18, 1986).

2.1. Os desdobramentos da metodologia de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em duas dimensões distintas: pesquisa teórica e pesquisa empírica. Ambas as pesquisas complementaram-se entre si mesmo possuindo diferenças nas metodologias empregadas para cada tipo de exploração.

Para Demo (2011) uma pesquisa teórica é aquela

[...] que é dedicada a reconstruir teorias, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos e, em termos mediatos, aprimorar práticas [...] trata-se de desconstruir teorias, para reconstruí-las em outro patamar e momento (DEMO, 2011, p. 20-21).

No que se refere a pesquisa empírica, esta por sua vez

[...] é dedicada a tratar a face empírica e fatural da realidade, de preferência mensurável; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural, cujo extremo já se torna empirista; entretanto, é sempre adequado pretender abordarmos a realidade pelo prisma empírico, desde que não reduzamos às expressões empíricas; nem sempre, ou - diriam alguns - raramente o empírico coincide com o relevante, já que a realidade costuma esconder-se; a própria idéia de análise supõe que é mister ir além do que aparece à primeira vista; disso não segue que pesquisas empíricas devam ser superficiais, até porque podem atingir sofisticadas metodológicas notáveis, sobretudo em seus testes estatísticos (DEMO, 2011, p. 21).

Partindo destes pressupostos, todo processo de investigação arrolado na pesquisa foi pautado nestas duas vertentes específicas. Cada etapa ampliou e contribuiu para as reflexões e conclusões obtidas no decorrer desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Para se realizar uma pesquisa, é necessário que o/a pesquisado/ar esteja comprometido com o longo caminho que irá trilhar, até chegar às elucidações de suas questões pautadas acerca do tema em exploração; e ainda, deverá adotar um caráter organizacional, terá que ter rigorosidade com relação ao tempo estabelecido entre ele e

seu orientador e objetos de pesquisa, e imprescindível que possua uma postura disciplinada. De acordo com Gil (1999), para ser um bom pesquisador/a, além de obter conhecimento acerca do assunto, o mesmo tem que ter curiosidade, criatividade, sensibilidade social e integridade intelectual. É de fundamental importância que detenha humildade para corrigir-se, paciência e confiança no decorrer da pesquisa, perseverança e ainda disciplina. Para Goldenberg (1998), exige do pesquisador/a também um confronto constante entre o que é possível e impossível, dentre a ignorância e o conhecimento.

A referida investigação foi desenvolvida pelo viés da análise de entrevista semi-estruturada realizada com uma acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, oriunda da modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, em seu artigo 37 define que “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria (BRASÍLIA, 1996, s/p)”. Posteriormente, foi analisada a respectiva entrevista com o intuito de averiguar como ocorreu o processo de inclusão no Ensino Superior da estudante negra, sujeito desse estudo.

A metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa consiste na abordagem qualitativa. Segundo Godoy (1995, p. 21) “[...] hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”.

Na perspectiva de Minayo (2012) a pesquisa qualitativa

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2012, p. 21).

Pautado neste universo multifacetado da pesquisa qualitativa o procedimento de perquirir foi sendo construído, respaldado também além das entrevistas, com aportes teóricos e análises de alguns documentos que corroboram para uma explanação mais adequada do que nos propusemos a investigar. De acordo com Triviños (2006), a

pesquisa qualitativa possui características particulares, como:

- 1^a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave;
- 2^a) A pesquisa qualitativa é descritiva;
- 3^a) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto;
- 4^a) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente;
- 5^a) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa (TRIVINÓS, 2006, p. 128-130).

Elaborar uma investigação neste viés é encontrar-se totalmente mergulhado no inesperado, imprevisível e surpreendente mundo das descobertas. É envolver-se com conceitos até então desconhecidos, mas que no desenrolar do processo da pesquisa se tornam companheiros fiéis neste caminho da exploração.

Destacamos a grande importância da entrevista no processo de nossa pesquisa, iremos desvelar através das mesmas aspectos da trajetória de vida pessoal e acadêmica da mulher negra que não desanimou com as adversidades encontradas ao longo de sua vida e foi em busca de suas realizações pessoais e objetivos.

Abarcando a relevância das entrevistas neste trabalho, Duarte (2004) ressalta serem

[...] fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p. 215).

A entrevista irá se caracterizar por ser semi-estruturada, ou seja, ela “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LUDKE e ANDRÉ, p. 34, 1986). Entrevista que possui essa particularidade possibilita que o entrevistador seja mais aberto, oferece um contexto amplo do qual o mesmo poderá se prevalecer para dissertar acerca de sua vida sem amarras e engessamentos, deixando-o livre para expor o que achar necessário, para falar sobre sua vida, suas dúvidas, suas lutas diárias contra o

racismo, preconceito e discriminações. Poderá ser abrangente, porém o entrevistador deverá estar atento para ele mesmo não fugir do foco central da pergunta geradora e do roteiro da entrevista.

Realizar entrevistas, sobretudo se forem semi-estruturadas, abertas, de histórias de vida etc. não é tarefa banal; propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista (DUARTE, 2004, p. 216).

A memória estará muito presente em toda entrevista; a entrevistada terá que voltar ao passado para narrarem especificidades e particularidades de sua vida e de suas vitórias ou descontentamentos.

Ao narrar, estamos sempre no entorno e no centro, pois o sujeito que narra não conta a história de si mesmo sem narrar a história dos que viveram com ele, dos que lutaram com ele, dos que caíram com ele, dos que foram silenciados com ele, dos que voltaram a falar com e através dele (PORTO, 2011, p. 200).

E, ainda,

A narrativa trabalha com o suceder das coisas, mas não em um mero transcorrer, mas nos momentos significativos dos tempos nas vidas dos sujeitos. Neste sentido, possibilita a abertura de um horizonte temporal significativo no qual os sujeitos (re)significam o passado e o futuro, a partir da consciência que possuem no momento presente (TEIXEIRA; PRAXEDES; PÁDUA, ET. AL, 2006, p.41).

Narrar acontecimentos passados; muitas vezes reportar-se ao remoto é rememorar fatos que causam dor, angústias e até mesmo indignações. Ter como objeto de pesquisa uma mulher em sua plena vivacidade é ter nas mãos alguém que merece total admiração e respeito por ser o que é - sujeito de vontades, de direitos e deveres, que não se diminuiu por ser negra, apesar das desigualdades sociais e raciais encontradas na sociedade.

Sobre o conceito de memória Neves (1998) expõe:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se

entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (NEVES, 1998, p. 218).

Sem memória não seria possível conhecer as inúmeras histórias que perpassaram pelo mundo e que somos conhecedores. Em grande parte, essas histórias foram produzidas através das memórias de indivíduos que viveram em determinada época e ou período. Fazendo uso da memória podemos fomentar novos conhecimentos, novas experiências e novas visualizações sobre o que já ocorreu em uma data específica, um espaço e um tempo histórico. Fazendo uso das palavras de Oriá (2003, p. 139) “Sem a memória, não encontraremos mais os ícones, símbolos e lembranças que nos unem à cidade e, assim, nos sentiremos deslocados e confusos”.

Todo processo de investigação, exploração, análise e descrição das fontes analisadas e escolhidas irão tecer toda a escrita desta pesquisa, que detém como objetivo principal analisar a trajetória escolar de uma estudante negra no Curso de Pedagogia a fim de compreender como vivenciou as relações étnico-raciais e de gênero em seu processo formativo.

2.2. Contextualização da escolha do sujeito da pesquisa

O processo para a escolha do sujeito da pesquisa não muito fácil. Inicialmente estabelecemos um perfil de estudante. Deveria estar matriculada regularmente no Curso de Pedagogia em fase de graduação, que tivesse frequentado a EJA e fosse acadêmica cotista negra. Pensamos em entrevistar duas pessoas, uma mais nova e outra com mais idade para podermos contrapor os relatos e buscar suas respectivas semelhanças e disparidades em seus trajetos até o ingresso na UFSC.

Realizamos um levantamento de dados para podermos encontrar essas mulheres, porém a grande maioria das estudantes cotistas negras havia se graduado um semestre anterior. Acabamos optando por realizar apenas uma, pois o fator tempo torna-se primordial neste quesito. Não iríamos ter tempo hábil nos basicamente cinco meses que restavam para concretizarmos o que nos propusemos a fazer.

Pensamos e refletimos bastante, por fim decidimos convidar uma acadêmica cotista negra que conhecíamos. A princípio ficamos um pouco apreensivas com o resultado final da entrevista, pois o fato de conhecermos o sujeito e termos uma relação interpessoal poderia afetar de alguma maneira o desenvolvimento do processo. Não era

nossa intenção que isso viesse a acontecer, deste modo o que mais desejávamos era que a mesma aceitasse o convite para a participação em nossa pesquisa.

A convidamos para participar de nossa investigação, se ela poderia ser nosso sujeito da pesquisa. Explicamos detalhadamente como iria proceder todo o contexto da entrevista e de sua realização, e ainda, deixamos claro que seu nome seria preservado. Ou seja, não era de nosso interesse expor a história de vida da nossa depoente. Deste modo, a intitulamos de Diamante³, pois, a vemos tal qual esse cristal. Os nomes de suas filhas serão preservados, diante disto as nomeados de Esmeralda e Quartzo, outros nomes que avaliamos adequados para manter sua privacidade.

Diamante mostrou-se entusiasmada com o convite e ficamos felizes por finalmente termos encontrado uma estudante cotista negra, oriunda da EJA, que está cursando regularmente o Curso de Pedagogia, e ainda, é uma pessoa com a idade que procurávamos. Obtivemos narrativas ricas em detalhes e pormenores acerca de sua trajetória de vida marca por desencontros e encontros no âmbito educacional.

A entrevistada nasceu no interior do Maranhão na cidade chamada Viana, filha de Severino e Josefa, teve dez irmãos. Uma família humilde, com uma situação socioeconômica frágil, porém a constituição familiar era sólida e muito feliz. Sua infância foi muito rica, aproveitou bastante brincando e se desenvolvendo com seus irmãos e primos, mesmo tendo que trabalhar nos afazeres da rotina de casa.

[...] eu sinto muita saudade [...] De toda aquela época, que era uma rica infância [...] acho que não era só rica, era uma verdadeira infância apesar de ser uma vida bem dura [...] não era por que era uma infância dura que não era infância, era uma infância muito bem vivida, era uma infância em que você se encontrava com criança que você brincava [...] Tinha de tudo a gente trabalhava desde cedo [...] Não era só brincadeira, muito pelo contrário criança tinha toda atividade, criança trabalhava, criança ia pajear porco no campo, criança ia buscar pato no campo, cada pato era uma graça né? Por que a gente ao mesmo tempo que estava empenhada em ir pajear os patos, buscar os patos e recolher os patos para não serem roubados, ao mesmo a gente matava os patos no campo (sorrisos). Sabe junto com a rotina estava atrelada a brincadeira, a gente brincava, a gente vivia, a gente alagava a canoa no meio do [...] Um contexto que dentro daquilo, ao mesmo tempo que você brincava, você tinha suas responsabilidades de trabalho, criança respeitava os mais velhos [...] (DIAMANTE, MARÇO/2015).

³DEFINIÇÃO: 1. Pedra preciosa constituída de carbono puro cristalizado, de extrema dureza mas quebrável, geralmente incolor e transparente, utilizado em joalheria e na indústria. – 2. Jóia em que está engastado um diamante. – 3. Fig. Coisa muito brilhante. – 4. Ferramenta de várias formas para toronar metal. || Ser um diamante bruto, ser passível de aperfeiçoamento.||Ser um diamante sem jaça, não ter defeito, ser perfeito. In: (LAROUSSE, 2000, p.321) Grande Dicionário Larousse Cultura da Língua Portuguesa.

Neste relato a entrevistada expõe com nostalgia o que vivenciou em seu tempo de criança e no experienciar viver a infância. Foi uma criança que desde cedo ouviu seu avô Estevam falar acerca da Escola e a importância que esse local tem na vida das pessoas. Por este motivo Diamante sempre teve uma vontade imensa em habitar esse espaço e em estudar. Sua mãe Josefa era alfabetizada e quem iniciou o processo de alfabetização com Diamante e seus irmãos foi sua própria mãe, o seu pai Severino não era alfabetizado: *[...] a gente teve o primeiro contato com a alfabetização com minha mãe, por que estudou até a quarta série [...] meu pai é analfabeto (respira fundo). Quem ensinou ele a escrever o nome ou a desenhar o nome foi a minha mãe [...]* (DIAMANTE, MARÇO/2015). A Escola desta época era paga, a professora lecionava para aproximadamente quarenta e cinco crianças.

Inúmeras interrupções sucederam em sua trajetória escolar até adentrar no universo acadêmico, concluiu o Ensino Médio com aproximadamente seus vinte e um e/ou vinte e dois anos de idade. Apesar de ter passado por várias interrupções nunca perdeu a vontade de estudar e de pertencer ao mundo da Universidade. Uma mulher digna de admiração por ter desbravado com maestria as adversidades que a vida lhe impôs e por ter chegado ao Ensino Superior.

2.3. O estado do conhecimento

O estado do conhecimento ou estado da arte como pode ser intitulado é essencial no processo da investigação para se elaborar uma pesquisa de qualidade. É primordial conhecermos outros trabalhos que explorem o tema que nos propomos a pesquisar. De acordo com Ferreira (2002)

Nos últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (FERREIRA, 2002, p. 258).

Corroborando para uma melhor explicitação do tema investigado, constatamos a necessidade de encontrarmos outras produções que abordassem a temática pesquisada. Partindo desta premissa, realizamos um levantamento bibliográfico em dois bancos de dados, a CAPES - banco de teses e dissertações - e artigos na SCIELO - *Scientific Electronic Library Online* - no recorte temporal dos anos de 2008 à 2014 para ambos. É de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa efetuar este levantamento bibliográfico, pois é a partir dele que conheceremos o que foi produzido até o presente momento no âmbito do que desejamos pesquisar mais profundamente.

O ponto inicial do levantamento bibliográfico foram quatro combinações dos descritores 1 - *Mulher negra e cotas / Mulher negra e ações afirmativas*; 2 - *Trajetórias acadêmicas universitárias de mulheres negras*; 3 - *Escolarização mulher negra*; e 4 - *Mulher negra e gênero*.

Iniciamos o levantamento de dados no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, neste foram encontradas produções acadêmicas dos anos de 2011 e 2012, fazendo uso dos descritores mencionados acima. Infelizmente não encontram-se disponíveis para o acesso público as teses e dissertações de anos anteriores e posteriores.

Quadro 1: Total de Trabalhos pesquisados no período de 2008-2014

C A P E S	DESCRITORES	ANO	QUANTIDADE
	Mulher negra e cotas	2011	2
	Mulher negra e ações afirmativas	2011 - 2012	2
	Trajetórias acadêmicas universitárias de mulheres negras	2011 - 2012	4
	Escolarização mulher negra		0
	Mulher negra e gênero	2011 - 2012	6
	TOTAL		14

FONTE: Elaborada pela autora da pesquisa.

Destes quatorze trabalhos encontrados, realizamos a leitura na íntegra de todos e optamos por fazer um recorte resultando em dez produções, porque proporcionaram uma ampliação em nosso olhar para o assunto pesquisado. Cada dissertação ou tese de doutorado nos possibilitou alargar nossos conhecimentos, conceitos e compreensões acerca da temática. São trabalhos valiosos que respaldaram a tessitura desta pesquisa contribuindo positivamente para novos debates e questionamentos que estão arrolados no processo investigativo. Não nos deparamos com produções que tratassem da *escolarização de mulher negra*: para este a soma foi zero. A área que mais encontramos

trabalhos foi com a combinação dos descritores *mulher negra e gênero*; foram seis e todos tratavam brilhantemente sobre o tema.

Quadro 2: Trabalhos identificados e classificados

	ANO	TÍTULO/AUTOR/INSTITUIÇÃO
C A P E S	2011	A percepção dos professores sobre o sistema de cotas para negros da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Curso de Pedagogia de Dourados (2004-2008). EMERICH, Daisy Ribas. Mestrado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco.
	2011	Política de ações afirmativas na UFRGS: o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico. BELLO, Luciane. Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
	2011	Cotas raciais ou sociais? Trajetória, percalços e conquistas na implementação de ações afirmativas no Ensino Superior Público 2001 a 2010. NOROES, Katia Cristina. Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas.
	2011	Mulher negra militante: trajetória de vida, identidade e resistência no contexto da política de ações afirmativas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. ALMEIDA, Magali da Silva. Doutorado em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
	2011	Negros e negras no Ensino Superior privado: um estudo sobre raça e gênero. JULIO, Ana Luiza dos Santos. Doutorado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
	2012	“Eu sempre estava fora do lugar”: perspectivas, contradições e silenciamentos na vida de cotistas. GONÇALVES, Carlianne Paiva. Mestrado em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás.
	2012	A mulher negra no ensino superior: trajetórias e desafios. SANTOS, Carlinda Moreira dos. Mestrado em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia.
	2012	Trajetória educacional de mulheres quilombolas no quilombo das Onze Negras do Cabo de Santo Agostinho - PE. SANTOS, Maria Jose dos. Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
	2012	A imagem social de mulheres negras universitárias: a silhueta esculpida

		durante o processo de formação. GUEDES, Cláudia Rosane. Mestrado em Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
	2012	Gerando eus, tecendo redes e traçando nós: ditos e não ditos das professoras e estudantes negras nos cotidianos do curso de Pedagogia. MELO, Margareth Maria de. Doutorado em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

FONTE: Elaborada pela autora da pesquisa.

A busca de artigos na SCIELO foi bem excassa; somente cinco produções foram encontradas de acordo com os descritores utilizados e apenas nos anos de 2008 e 2011. Ressaltamos que efetuamos outras articulações com descritores diferentes, trocamos as ordens, tentamos realmente obter mais trabalhos, porém, nossa procura não teve muito êxito.

Quadro 3: Total de Trabalhos pesquisados no período de 2008-2014

S C I E L O	DESCRITORES	ANO	QUANTIDADE
	Mulher negra e cotas		0
	Mulher negra e ações afirmativas	2008	2
	Trajetórias acadêmicas universitárias de mulheres negras	2008	1
	Escolarização mulher negra		0
	Mulher negra e gênero	2008 - 2011	2
	TOTAL		5

FONTE: Elaborada pela autora da pesquisa.

Dentre as referidas produções acadêmicas optamos por ler todas na íntegra e estas potencializaram nosso campo de estudo. São leituras de fácil compreensão e muito ricas em conceitos e informações. Notamos que artigos abarcando a temáticas da *escolarização de mulher negra e mulher negra e cotas* não aparecerem nenhuma vez. O que não foi o ocorrido quando delimitamos com a combinação dos descritores *mulher negra e ações afirmativas* - neste obtivemos a marca de dois trabalhos. Outro número que nos chamou atenção foi para as produções que circundam *mulher negra e gênero*, apenas dois trabalhos. Percebemos que são temas recorrentes, pertinentes e que existem teóricos e teóricas que pesquisam sobre, porém as produções acadêmicas ainda encontram-se voltadas para outras áreas mais usuais.

Quadro 4: Trabalhos identificados e classificados

S C I E L O	2008	Ações afirmativas no sistema educacional: trajetórias de jovens negras da universidade de Brasília. WELLER, Wivian e SILVEIRA, Marly. <i>Rev. Estud. Fem.</i> [online]. 2008, vol.16, n.3, pp. 931-947.
	2008	Ações afirmativas: polêmicas e possibilidades sobre igualdade racial e o papel do estado. SANTOS, Sales Augusto dos; CAVALLEIRO, Eliane; BARBOSA, Maria Inês da Silva e RIBEIRO, Matilde. <i>Rev. Estud. Fem.</i> [online]. 2008, vol.16, n.3, pp. 913-929.
	2008	Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. RIBEIRO, Matilde. <i>Rev. Estud. Fem.</i> [online]. 2008, vol.16, n.3, pp. 987-1004.
	2008	Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. PAIXAO, Marcelo e GOMES, Flávio. <i>Rev. Estud. Fem.</i> [online]. 2008, vol.16, n.3, pp. 949-969.
	2011	As relações cotidianas e a construção da identidade negra. FERREIRA, Ricardo Frankllin e CAMARGO, Amilton Carlos. <i>Psicol. cienc. prof.</i> [online]. 2011, vol.31, n.2, pp. 374-389.

FONTE: Elaborada pela autora da pesquisa.

O estado do conhecimento foi primordial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois não dominamos o “conhecimento acerca da totalidade de estudos e pesquisas em determinada área de conhecimento” (FERREIRA, 2002, p. 258-259). Somos instigados/as e impulsinados/as a conhecer as produções existentes, para então, podermos produzir algo original incorporando nossas impressões, particularidades e conhecimentos engendrados para o assunto explicitado.

Nas palavras de Ferreira (2002)

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema (FERREIRA, 2002, p. 259).

As produções localizadas além de aprimorar e engrandecer a pesquisa, possibilitaram a pesquisadora conhecer outros teóricos e explicações distintas para determinados conceitos importantes para o processo investigativo.

2.4. A importância da entrevista e o delineamento da questão geradora

O principal procedimento metodológico desta pesquisa foi a entrevista, momento primordial para a interlocução com o objetivo geral desta investigação. A utilização da entrevista como instrumento na pesquisa qualitativa foi de suma importância para que posteriormente possamos realizar a análise do conteúdo. Acerca da importância da entrevista Ludke e André (1986, p. 34), relatam que “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Ou seja, iremos compilar informações valiosas para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

Para executarmos uma entrevista de qualidade é essencial que o entrevistador esteja realmente introduzido no contexto de toda temática, que ele saiba muito bem quais são os objetivos da pesquisa. Deverá ter propriedade e segurança para saber lidar com algumas dificuldades que poderão manifestar-se a qualquer momento. Acerca do papel do entrevistador, Duarte (2004) relata que para

[...] a realização de uma boa entrevista exige: a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa (e introjetados - não é suficiente que eles estejam bem definidos apenas “no papel”); b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação (a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo - egos focais/informantes privilegiados -, leitura de estudos precedentes e uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo); c) a introjeção, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista (fazer uma entrevista “não-válida” com o roteiro é fundamental para evitar “engasgos” no momento da realização das entrevistas válidas); d) segurança e autoconfiança; e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação (DUARTE, 2004, p. 216).

A realização da entrevista permite que obtenhamos respostas preciosas para o possível esclarecimento de nossas indagações que nos levaram a pesquisar o tema explicitado. Sabemos da grande relevância que a entrevista detém neste processo investigativo, não se trata de um simples diálogo com o entrevistado, tampouco, uma conversa informal acerca de assuntos triviais.

Muitas vezes a opção pela entrevista baseia-se numa percepção, mais ou menos corrente entre nós, de que esse é um procedimento mais fácil, quando comparado a outros aparentemente mais trabalhosos e mais sofisticados. Cabe assinalar, então, que entrevista é trabalho, não bate-papo informal [...]. Realizar entrevistas de forma adequada e rigorosa não é mais simples do que lançar mão de qualquer outro recurso destinado a coletar informações no campo: talvez elas tomem menos tempo na fase preparatória do que a elaboração de questionários ou *check lists* por exemplo, mas para serem realizadas de modo a que forneçam material empírico rico e denso o suficiente para ser tomado como fonte de investigação, demandam preparo teórico e competência técnica por parte do pesquisador (DUARTE, 2004, p. 215-216).

Consiste em ser um momento no qual o entrevistador irá observar, analisar e questionar o entrevistado com suas perguntas a fim de que o mesmo possa expor tudo o que almeja, desde seus sentimentos de felicidade e frustrações, até mesmo aqueles momentos de desânimo, tristeza e infelicidade. Tudo deverá ser captado pelo entrevistador, para posteriormente poder compor a análise de conteúdo da entrevista, partindo dos eixos centrais da entrevista fornecida pelo entrevistado escolhido para tal função. A entrevista terá início com a pergunta geradora acerca do tema investigado.

Na ótica de Delgado (2006, p.8), sobre as características das entrevistas temáticas expõe que “[...] podem, por exemplo, constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida, ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa [...]”. Deste modo, procuraremos analisar a entrevistada em todos os seus aspectos, claro, respeitando e dando ênfase para nosso eixo central. A entrevista é um instrumento que “[...] permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas [...] ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34).

A formulação da pergunta principal é de suma importância, pois é esta que será o fio condutor de toda narrativa que iremos coletar na entrevista. Então, a questão geradora serve:

[...] para estimular a produção narrativa e para concentrar a narrativa em um aspecto relevante e ao período da biografia que interessa à pesquisa. Tem o objetivo de estruturar a narrativa que a segue através de um modelo para a reconstrução da lógica interna dos processos, porém dando liberdade ao(à) entrevistado(a). A orientação principal é que a questão gerativa ofereça aos(às) entrevistados(as) um escopo para que relatem sua história, sem intervenções estruturadoras [...] (TEIXEIRA; PRAXEDES; PÁDUA; ET. AL., 2006, p.48).

Com o intuito de inserir da melhor maneira e adequadamente o entrevistado ao

objetivo da investigação, alinhávamos a seguinte questão geradora:

Relate como foi o seu percurso, a sua caminhada antes de adentrar na Universidade. Tudo o que você julgar importante e pertinente acerca de sua vida e que tenha relação com seu ingresso na Universidade Federal de Santa Catarina. Conte-me suas experiências dentro da UFSC, como estudante negra cotista oriunda da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Disserte sobre seus sentimentos, anseios, atividades e possíveis casos de preconceitos ou discriminações raciais que tenham ocorrido com você até o presente momento.

Após a delimitação da pergunta, o roteiro da entrevista começou a ganhar escopo, elaboramos perguntas que faziam interlocução com a questão geradora. Surgiram inúmeras possibilidades e ideias de perguntas, porém acabamos optando por criar questões pertencentes ao roteiro que pudessem engendrar outras possíveis que não foram mencionadas e até mesmo que emergissem no momento da realização da entrevista. O roteiro da entrevista estará presente no apêndice deste trabalho.

2.5. Os procedimentos imprescindíveis para analisar a entrevista: a transcrição e a análise de conteúdo

A entrevista foi realizada no dia trinta de Março deste ano. Iniciou-se às nove horas e trinta minutos terminando às onze horas e quinze minutos. Utilizamos o espaço do Núcleo Vida e Cuidado, que está localizado no primeiro andar do bloco D do Centro de Ciências da Educação. Quase duas horas de narrativas ricas em detalhes que impulsionaram a entrevistadora para o contexto de toda uma vida da entrevistada até o presente momento. O local neste dia se encontrava calmo e a realização da entrevista transcorreu naturalmente, fizemos uso de dois gravadores digitais por precaução, pois se acontecesse algum problema em um gravador teríamos o áudio no outro aparelho. Tudo foi pensado cuidadosamente para que nada desse errado.

Diamante demonstrava-se calma, porém era perceptível que havia uma mistura de sentimentos nostálgicos indo ao encontro àqueles momentos de sofrimento e luta por melhor qualidade de vida, por sofrer preconceitos e por se assumir como mulher negra.

Havia um conhecimento interpessoal entre a entrevistada e a entrevistadora, ambas se conheciam, eram colegas de turma, do Núcleo Vida e Cuidado - NUVIC e do Projeto de Extensão Acolher. Não sabemos o quanto isto é significativamente bom ou ruim, por que, sendo uma pessoa que conhece a outra possuindo tal relação, a entrevista corre o risco de percorrer outro rumo que não seja o foco da pesquisa. Diante disso,

nossa postura e atenção foram redobradas para que isso não ocorresse. A entrevista na qual nos embasamos, a semi-estruturada, tem como característica ser mais flexível deixando a entrevistada mais a vontade para expor suas respostas, pensamentos, e também, para deixar fluir o seu lembrar que neste exato momento precisa ser reavivado com mais intensidade.

[...] é importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. [...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.33-34).

O papel da entrevistadora é fundamental nesta etapa. Sua postura deve ser a mais sutil possível e não pode inibir o entrevistado com muitas perguntas ao mesmo tempo. Ainda, a entrevistadora deve desenvolver sua capacidade de escuta, está que por sua vez se diverge da capacidade de apenas ouvir um indivíduo. Ou seja,

Enquanto esta nos remete a um sentido fisiológico, a uma integridade biológica relativa a um bom desenvolvimento de funções fisiológicas, escutar não é isso, pois envolve um ato psicológico. Um ato que supõe uma desmedida disposição de acolher o que nos vem do outro (TEIXEIRA; PRAXEDES; PÁDUA; ET. AL., 2006, p. 45 *apud* LEVEN; FARIA; MOTTA, 1997).

É de fundamental importância exercitar a escuta atenta, para a entrevistadora não interferir nas respostas da entrevistada, para saber driblar possíveis percalços que podem surgir no período da entrevista. Diante disto o que torna-se primordial, além de outros fatores expostos anteriormente, é saber envolver a entrevistada em suas próprias lembranças, em sua narrativa para que ela nos forneça as respostas adequadas que corroboram com nosso eixo central da investigação. Mais uma vez a escuta é a principal peça chave nesta etapa da pesquisa.

O que mais importa é saber convidar o sujeito à fala, envolvendo-o com sua própria narrativa, pelos seus significados, pela vida que nela se reconstitui e ressignifica. O fundamental é saber escutar a quem fala e o que se fala, colhendo e acolhendo a narrativa que o(a) narrador(a) nos oferece, através de uma escuta que, no momento certo, interroga sem invadir, procura sem agredir, solicita sem violentar, tendo em vista os princípios éticos da pesquisa social como um todo e da

pesquisa com oralidade, em particular, tendo em vista a ética da interlocução que circunscreve a entrevista, a interrogação e a escuta. Tendo em vista o *éthos*⁴ da delicadeza (TEIXEIRA; PRAXEDES; PÁDUA; ET. AL., p. 45, 2006, p. 50-51).

A pergunta geradora não foi suficiente para que coletássemos todos os dados para nossa pesquisa e diante disso, fizemos uso do roteiro da entrevista. Assim, fazendo interligações com a questão eixo as perguntas do roteiro tornaram-se cruciais para o desenvolvimento da entrevista. Neste momento, constatamos a grande relevância do roteiro, fundamental para todo este processo.

Partindo para a transcrição da entrevista, esta ocorreu logo em seguida após a realização da entrevista. Pensamos em executar o mais rapidamente essa transcrição por que a memória da entrevistadora estaria mais avivada, assim as informações coletadas no dia e todos os pormenores que sucederam continuariam presentes mais nitidamente no momento do desenvolvimento da escrita. Para a transcrição o programa *Express Scribe*⁵ foi sem dúvidas uma ferramenta imprescindível, no qual subsidia na transcrição com relação a velocidade da voz do entrevistado. Ou seja, colocamos o conteúdo do áudio no programa, após seu *download*, e em seguida, iniciamos o processo da transcrição podendo ter as opções de aumentar ou diminuir a velocidade da fala para nossa compreensão e entendimento do que está sendo narrado.

Transcrever uma entrevista, não é uma tarefa fácil. Mesmo possuindo o auxílio de um programa que foi essencial, o desenvolvimento da transcrição requer cuidado e atenção, pois, em nenhum momento podemos alterar a fala da entrevistada, temos que transpor a fala igual foi pronunciada para a escrita. E acreditem, é muito mais simples apenas escutar do que transcrever igual. Tudo deve ser explicitado na transcrição, desde um suspiro, os esboços de sentimentos e até mesmo se houver lágrimas. Foram mais de duas semanas neste processo de transcrição, como não era possível nos dedicarmos integralmente a esta tarefa a mesma alongou-se um pouco. Inúmeras vezes tivemos que voltar, escutar novamente o que foi falado, diminuir a velocidade da fala para podermos ouvir com clareza, e algumas vezes, ou por diversas vezes, exercitamos a nossa capacidade de termos paciência para desenvolver a transcrição. A transcrição da

⁴DEFINIÇÃO: e-tos (grego *éthos*, -ous, costume, hábito):

1. [Sociologia] Conjunto dos costumes e práticas característicos de um povo em determinada época ou região. 2. Conjunto de características ou valores de determinado grupo ou movimento. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/etos>. Acesso 25 de Junho de 2015.

⁵Para download disponível em: <http://www.baixaki.com.br/download/express-scribe.htm>. Conforme consta no *site* este programa “foi projetado primeiramente para auxiliar a transcrição de gravações, ou seja, tornar mais fácil a vida de quem precisa passar para o computador registros de voz gravados em áudio”. Acesso 3 de Março de 2015.

entrevista resultou em trinta e cinco páginas de puro sentimento exalado à flor da pele, por uma mulher negra empoderada⁶ e cheia de força

No próprio momento em que estávamos fazendo a transcrição não houve como não emocionar-se diante de relatos tão intensos, tão únicos e particulares de uma vida regada por sonhos, amor e dedicação. Em determinados momentos da transcrição lágrimas emergiram com mistos de sentimentos dos quais nos remetiam ao próprio enredo da história da entrevistada e de todos os percalços que sucederam em sua trajetória. Com o intuito de preservar toda sua história, sendo que nosso foco central são as questões étnico-raciais e de gênero vivenciadas na Universidade, mais precisamente no Curso de Pedagogia, iremos fazer um recorte, sendo estes os eixos trabalhos. As outras categorias não trabalhadas neste respectivo momento poderão ser aprofundadas em futuras produções: artigos, dissertação de mestrado e quem sabe no futuro em tese de doutorado. Para preservar a identidade e também suas particularidades a entrevista transcrita e a análise de conteúdo da entrevista não estarão presentes no apêndice.

Seguidamente, iniciamos os procedimentos para a construção da análise de conteúdo da entrevista definida por Bardin (2011) como sendo

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48 grifo no original).

Para esta etapa nos respaldamos em Laurence Bardin (2011) para podermos compor toda categorização e análise pertinente a esta investigação, pois a autora nos ensina a ter sensibilidade no olhar e na leitura para encontrarmos nas entrelinhas de toda entrevista quais são os temas centrais para posteriormente criarmos a tabela seguindo toda essa categorização. A importância da análise de conteúdo para essa pesquisa é evidente. Sem a sua efetivação não teríamos como posteriormente encontrar as respostas

⁶Compreendemos empoderamento, como expõe Oliveira (2004), a importância de aumentar o poder e controle sobre as decisões e problemáticas que determinam a vida. Refere-se ao poder de defesa das especificidades das mulheres, da luta pela igualdade com os homens no acesso a direitos e aos espaços deliberativos. O empoderamento das mulheres se entrecruza com as dimensões de gênero, raça/etnia, classe, cultura, história. Defende o acesso a recursos, vantagens, informações, serviços e, principalmente, a participação das mulheres. O empoderamento das mulheres “implica o desaparecimento dos mecanismos de poder patriarcais fundados na opressão das mulheres e necessita mudar normas, crenças, mentalidades, usos e costumes, práticas sociais e construir direitos das mulheres hoje inexistentes (OLIVEIRA, 2004, p. 66 *apud* LAGARDE, 1996, p. 112). Para maiores conhecimentos: OLIVEIRA, Adriana Lucinda de. O processo de empoderamento de mulheres trabalhadores em empreendimentos de economia solidária. Dissertação, UFSC, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87324>. Acesso 15 de Junho de 2015.

que buscavámos na entrevista, acerca das relações étnico-raciais e de gênero vivenciadas por Diamante.

Para a realização desta análise foram necessárias outras leituras para podermos compreender como se estruturava uma tabela deste porte, ou seja, surgiram questionamentos quanto as suas dimensões e buscamos outros aportes teóricos para contribuir com nossa compreensão acerca do tema. Os artigos que nos auxiliaram foram “*Análise de Conteúdo de uma Entrevista Semi-Estrutura*”⁷, elaborado pelos mestrandos Alberto Cardoso, Emanuel Teixeira, Maria João Spilker, Maria Paula Silva e Nuno Miguel Oliveira. O outro texto é intitulado como “*Análise de conteúdo de uma entrevista*”⁸, produzido pelos mestrandos Alice Brandão, Carla Cardoso, Débora Cunha e Rita de Cássia Albuquerque. Ambos foram orientados pela professora doutora Alda Pereira que ministra aulas de pós-graduação na Universidade Aberta. Estes tornaram-se valiosos para compreendermos o conjunto da estrutura da tabela que nós mesmos produzimos.

Buscamos na releitura da entrevista as suas categorias, em seguida suas subcategorias, as unidades de registro, e por fim, a unidade de contexto. Cada categorização é importante, são estas que possibilitaram nossa imersão nas falas centrais, nas especificidades que ficaram não muito evidentes na transcrição. De acordo com Bardin (2011, p. 134) a unidade de contexto é uma “unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial”. Ou seja, consiste em ser uma palavra ou tema que será composta por uma subcategoria. A unidade de contexto “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro [...]” (BARDIN, 2011, p. 137). Nesta categorização encontramos as falas do entrevistado e este corrobora com as demais categorias ocorrendo a sequenciação. Acreditamos que este tenha sido um dos processos metodológicos mais frágeis no qual nos deparamos na caminhada deste ensaio de experienciar ser pesquisadora. As subcategorias caracterizaram-se por serem um desdobramento da categoria, por exemplo: Categoria: 1. História de Vida; Subcategoria: Minha família. E a unidade de registro refere-se ao que foi evidenciado pela entrevistada que aparece na unidade de contexto, por exemplo: Unidade de contexto: “[...] a primeira televisão na casa dos meus **país** foi eu que comprei, eu ajudei a construir a casa dos meus **país** toda [...]” (DIAMANTE, MARÇO/2015). As palavras

⁷Texto disponível em: <http://mpelearning.pbworks.com/f/MICO.pdf>. Acesso 15 de Abril de 2015.

⁸Texto disponível em: <http://docslide.com.br/education/analise-de-conteudo-de-uma-entrevista.html>. Acesso 15 de Abril de 2015.

grifadas apareceram mais vezes do que outras, sendo mais evidente dentre as demais nesta fala, por este motivo é a unidade de registro a palavra pais. A unidade de registro pode ser também uma palavra que não apareça com mais frequência, mas que esteja presente, por exemplo: “*Quanto à acolhida não, na primeira fase não houve acolhimento [...]*”, e na frase, “[...] *o aluno chega aqui fragilizado e a pessoa para e escuta, já é muito sabe?*”(DIAMANTE, MARÇO/2015), analisando ambas as frases constatamos que as mesmas nos remetem a palavra acolhimento, portanto, iremos conceber a unidade de registro sendo a palavra acolhimento. Podem ser uma ou mais palavras nesta categorização.

Em sua totalidade, a análise de conteúdo da entrevista efetou-se em vinte e quatro laudas. Esse processo transcorreu no período de duas semanas.

3. IDENTIDADE NEGRA, QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO: NA UNIVERSIDADE E NO CURSO DE PEDAGOGIA

Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro (COSTA, 1982, p.2).

3.1. Revisitando os principais conceitos

As desigualdades raciais, o racismo, os preconceitos e as lutas pela igualdade da população negra são conhecidas historicamente, perpassam as gerações e adquirem novas roupagens. No contexto brasileiro o racismo é negado pelos sujeitos que o praticam. Ou seja, a pessoa tem preconceito, é racista e não expõe escamoteando a verdade gerando mais disparidades nas relações entre os pares. Gomes (2005, p. 46) reitera essa afirmação dizendo que “[...] o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação”.

Para o aprofundamento desta pesquisa e corroborando com a temática na qual está sendo desenvolvida, faz-se necessário compreendermos alguns conceitos que são discutidos ao longo desta escrita, como: racismo, raça, cor, identidade, gênero, mulher negra, ações afirmativas, trajetória e preconceito.

O processo de construção da identidade de um indivíduo se dá no contexto no qual está inserido, ou seja, de acordo com os espaços que este habita e, desenvolve-se na relações sociais e culturais, diversificando-se de acordo com sua percepção de mundo.

Nas palavras de Gomes (2005, p. 41) “[...] a identidade não se prende ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade”. Acerca da identidade a autora explicita que

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005, p. 41).

Quando decidimos afirmar nosso local de pertencimento estamos ao mesmo tempo nos colocando como sujeitos que estão reconhecendo o seu lugar na sociedade, e isto, muitas vezes não é fácil, pois, assumir seu lugar é deixar seu semblante à mostra e escancarar sua verdadeira origem. Nos tempos atuais encontramos diversos indivíduos nessa busca por seu espaço, por se reconhecer como é genuinamente sem receios e medos de assumir-se como de fato se constitui. Diante disso,

Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias (GOMES, 2005, p. 42-43).

Neste sentido, Gomes (2005) afirma também que

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro” (GOMES, 2005, p. 43).

Outro conceito importante nesse estudo é raça. Munanga (2013, s/p) pontua que “[...] raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem”. Compreendemos, então, que é um conceito produzido pela sociedade para classificar e diferenciar dominadores e dominados tendo como critério de definição a cor da pele, o fenótipo e uma ideia de inferioridade *versus* superioridade. No caso da sociedade brasileira os considerados inferiorizados e/ou dominados são aqueles que apresentam a cor da pele diferenciada, como negros e indígenas, e os dominantes e/ou superiores são os brancos.

Munanga e Gomes (2006) colocam que

[...] *raças* é na realidade, uma construção social, política e cultural produzida no interior das relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significa, de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto dessas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 176 grifo no original).

Ou seja, as diferenciações de raça na sociedade, embora não comprovadas cientificamente, são utilizadas para inferiorizar, dominar e coagir negros e indígenas.

Esse conceito vem sendo ressignificado por intelectuais engajados e militantes do Movimento Negro para demonstrar que este é responsável pela materialização do racismo. Assim, Guimarães (2012) entende que a raça é

[...] não apenas uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas é também categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a nação brasileira de “cor” enseja são efetivamente raciais e não apenas de “classe” (Guimarães, 1999) (GUIMARÃES, 2012, p. 50 *apud* GUIMARÃES, 1999).

O mesmo autor reitera que o conceito de raça poderá ser dispensado quando

[...] primeiro, quando já não houver identidades raciais, ou seja, quando já não existirem grupos sociais que se identifiquem a partir de marcadores direta ou indiretamente derivados da ideia de raça; segundo, quando as desigualdades, as discriminações e as hierarquias sociais efetivamente não corresponderem a esses marcadores; terceiro, quando tais identidades e discriminações forem prescindíveis em termos tecnológicos, sociais e políticos, para a afirmação social dos grupos oprimidos (GUIMARÃES, 2012, p. 50-51).

Frente as desigualdades raciais e de gênero históricas, a partir do ano de 2000 as Universidades Públicas passaram a implementar Políticas de Ações Afirmativas para negros, indígenas e estudantes de escolas públicas. Estas têm permitido a ampliação do acesso ao Ensino Superior para mulheres negras, como mostram os dados

As ações afirmativas podem ser definidas como um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, cujo entendimento se amplia na medida em que, não somente visa ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física e de origem nacional, mas também corrigir ou

aplacar os efeitos presentes dessa discriminação praticada no passado (GOMES, 2003). Esse entendimento possibilita a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais, como a educação e o emprego, além de induzir transformações de ordem cultural, pedagógica e psicológica capazes de subtrair, do imaginário social coletivo, a ideia de subordinação e inferioridade de um grupo por questão de gênero ou por pertencimento racial. Assegurar a diversidade dos grupos sociais nos diversos domínios de atividades pública e privada também se constitui num dos objetivos das ações afirmativas. Esta abordagem última é compartilhada, ainda, por Andrews (1997, p. 137), para quem as ações afirmativas, mais do que combater a discriminação, indicam “uma intervenção estatal para promover o aumento da presença negra - ou feminina, ou de outras minorias étnicas - na educação, no emprego e nas outras esferas da vida pública” (PASSOS, 2013, p. 4).

A implementação das Ações Afirmativas na UFSC em 2008 foi um grande marco. Possibilitou o ingresso de estudantes oriundos de escolas públicas, de negros e também indígenas. Uma chance que muitos visualizavam como impossível passa a ser concebida como direito. O alcance do objetivo de adentrar numa Universidade Pública estava mais próximo.

Articular desigualdades raciais e de gênero nesse estudo é um dos aspectos mobilizadores para compreender em que se diferenciam as trajetórias das mulheres negras no Ensino Superior. Neste sentido, gênero aqui é considerado uma categoria que

[...] passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres e homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (LOURO, 2003, p. 16).

Ou seja, gênero é a distinção entre o homem e a mulher em termos do que uma ação é atribuída socialmente. Ainda hoje, as mulheres continuam a lutar para ganhar mais espaço e respeito na sociedade, onde o machismo ainda é preponderante, visualizando a mulher como um simples objeto de satisfação e reprodução. É a constituição do gênero que irá determinar como irá transcorrer a educação para o menino e para a menina, a maneira como os mesmos irão agir, quais serão suas vestimentas, seus modos de comportamentos, como irão se constituir como pessoas e assim por diante.

Desta maneira, percebe-se a determinação da sociedade constitui sobre as pessoas e sua constituição. Sobre a abrangência de gênero Louro (1997, p. 23) explicita: “Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os

momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”.

No que se refere a mulheres negras, estas são caracterizadas

[...] como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultantes de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento, das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos (WERNECK, 2010, p. 76).

São mulheres marcadas por antepassados de injustiças e opressões, são mulheres que buscam incessantemente seu lugar na sociedade, são mulheres importantes na história do Brasil e do mundo.

De acordo com Werneck (2010)

As mulheres negras tem sido parte importante da sociedade brasileira há cinco séculos. Como grupo social específico em defesa de seus interesses ou como parte do amplo contingente negro ou geral que luta por justiça social e inclusão social, sua atuação pode ser vista desde o regime escravocrata até hoje. De fato, as lutas das mulheres negras por equidade se desenvolve ao longo dos séculos e devemos reconhecer que têm sido parte fundamental dos amplos segmentos que constroem cotidianamente o Brasil como nação. Ainda que violentamente invisibilizadas – pois atuam num contexto de racismo e sexismo – colocam a disposição da sociedade séculos de lutas, de pensamento a serviço da ação transformadora. Em seu horizonte, uma sociedade sem iniquidades, sem racismo, sexismo, sem as desigualdades de classe social, de orientação sexual, de geração ou de condição física e mental, entre muitas outras (WERNECK, 2010, p. 3).

Assim, fica evidente que as mulheres negras ainda sofrem muito preconceito que perpassam a questão da melanina, estas são vítimas diariamente da discriminação socioeconômica, do seu *status* social a qual pertencem, e ainda, por serem quem são. Ou seja, mulheres que batalham por seus objetivos e ideais de vida mesmo sendo oprimidas pela sociedade e suas formas de impor as regras de vivências e ações dos sujeitos.

3.2. Uma trajetória de vida marcada por sentimentos pulsantes: "*eu sou negra, eu tenho sangue de negro na veia*"

Impactante, reveladora, emocionante, instigadora e muito sensibilizante. Momentos de introspecção, silêncios, olhos lacrimejantes, sorrisos tímidos e falas intensas acerca da vida, das batalhas que enfrentou no decorrer de sua caminhada até a

chegada na Universidade. Oscilando entre serena e forte, foi deste modo que desenvolveu-se a entrevista, perpassada por sentimentos transmitidos na fala e gestos.

Uma mulher negra determinada e perseverante, que trabalhou por muitos anos como empregada doméstica, nasceu em um seio familiar humilde, digno e honesto. Seus pais criaram dez filhos no interior do Maranhão, independente das adversidades do cotidiano, alicerçaram uma família na base do amor e da educação. Passaram juntos momentos de felicidades extremas e de tristezas profundas, mas, nunca perderam a vontade de vencer e viver independente do contexto no qual se encontravam, buscaram proporcionar para seus filhos educação e vida de qualidade.

Em seus relatos nostálgicos Diamante nos revela um pouco acerca de sua infância e dos momentos de alegria e fome

[...] eu vim de uma infância bem pobre mas bem rica. Ao mesmo tempo que a gente tinha muita fartura na beira do rio, a gente tinha muito peixe pra come, comia aquele peixe mais gordo, mais lindo que tu encontrava lá dentro da canoa, você escolhia e comia, isso pra mim era tudo. Como tinha época que você não tinha o que come né? Você tinha farinha seca quando tinha (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Pô a gente tinha, tinha de tudo assim sabe? Faltava muita coisa? Faltava mais a gente tinha... Tinha de tudo, a gente trabalhava desde cedo sempre trabalhando. Criança do interior nessa minha época de infância, criança (suspiro). Não era só brincadeira, muito pelo contrário criança tinha toda atividade, criança trabalhava, criança ia pajear porco no campo, criança ia buscar pato no campo cada pato era uma graça né? P or que a gente ao mesmo tempo que tava empenhada em ir pajear os patos, buscar os patos e recolher os pato pra não serem roubados ao mesmo a gente matava os patos no campo (sorrisos) e aí (...) sabe? Junto com a rotina tava atrelada a brincadeira assim, a gente brincava, a gente vivia, a gente alagava a canoa no meio do campo um quase ficava morto e o outro ia socorrer o outro e... Era um contexto que dentro daquilo ao mesmo tempo que você brincava você tinha suas responsabilidades de trabalho, criança respeitava-se os mais velhos (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Diamante percorreu por muitas estradas até seu ingresso na Universidade, teve muitas rupturas em sua trajetória escolar, mudanças de cidades e até de estados, mas aquela vontade de estudar, de frequentar a escola e de um dia poder adentrar na Universidade sempre estiveram latentes em seus pensamentos. Lutou muito para chegar onde está hoje, sendo acadêmica do Curso de Pedagogia da UFSC, oriunda da EJA, cotista e negra, desbravou mundos e podemos dizer que ela venceu.

Impossível não emocionar-se nas quase duas horas de entrevista pulsante. Muitas informações acerca de sua vida e de como a escola, foi através de seu Avô, um

fator importantíssimo no qual a fez sempre almejar a tão sonhada escolarização mesmo tendo uma infância como ela mesma expõe que foi “[...] *bem pobre, mais bem rica [...]*” (DIAMANTE, MARÇO/2015).

As perguntas foram sendo respondidas processualmente, muitas vezes com tons saudosos na fala, noutras deixava evidente a alegria e dor que é ser negro no país. Nos sentimos lisonjeadas em ter conhecido, mesmo que brevemente, a história de luta de uma mulher negra que sempre foi guerreira e nunca se deixou embrutecer por mais que a vida lhe desse inúmeros motivos para tal.

A condição social do negro no Brasil e quiçá no mundo não diverge muito do que foi relatado por Diamante. Muitos sujeitos negros se visualizam, se caracterizam e se colocam na mesma situação que a entrevistada. Toda sua trajetória, sua caminhada até a Universidade, a sua infância em Viana no interior do Maranhão, seus valores e crenças, e sua constituição como sujeito de direitos e deveres, e ainda, se assumir como mulher negra perante a sociedade, como ela mesmo expõe “*Nós vivemos numa sociedade que é contraditória*” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Ou seja, em sua ótica a sociedade ao mesmo tempo em que fornece subsídios para o negro e seu possível desenvolvimento em um determinado momento, em outro, acaba por impossibilitá-lo. É a sociedade que impõe as regras, é a sociedade que quer o negro se enquadre em seu ideal de homem branco. Nas palavras da entrevistada “*Mais a concepção que você tem de sociedade é outra. Que requer que mesmo aquele sujeito que não tem tempo pra tudo isso se enquadre dentro*”. E ainda, “[...] *acho que o ser humano tá perdido dentro do seu próprio contexto, se antes ele tinha alguém que determinava o que era certo e errado, hoje ele não sabe o que é o meio termo dele. Acho que eu vejo por aí*” (DIAMANTE, MARÇO/2015).

A ruptura escolar sempre esteve presente na vida de Diamante, desde criança por influência de seu avô que falava do quão importante era a escola, ela nos diz que “[...] *eu fui uma criança que sempre ouvi meu avô falar muito sobre escola*” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Seu avô expunha a grande importância da educação na vida das pessoas e consequentemente da escola; a entrevistada relata que e “*Então com a escola eu sempre tive uma ruptura assim, eu ia frequentava um ano ou o tempo que desse*” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Estar na escola, aprender a ler e a escrever eram motivos de alegria para a criança humilde de Viana, que vislumbrava em deleitar-se em novos conhecimentos pelo viés da educação. Em sua narrativa rememora a primeira vez que foi para Viana com seu amado avô “*Eu lembro que a primeira vez que eu vim pra Viana, eu vim com meu avô, que eu queria por que eu queria estudar e de todos os*

meus irmãos eu era a única que queria e vim pra casa da minha madrinha” (DIAMANTE, MARÇO/2015).

É na escola que potencializamos nosso desenvolvimento, que nos são apresentadas metodologias que corroboram para nosso processo de ensino e aprendizagem. Era justamente tal feito que Diamante buscava; queria muito estar na escola, necessitava habitar aquele espaço para poder desenvolver-se, para ler, para escrever, e no futuro almejava adentrar numa Faculdade.

Acerca do papel da escola e sua definição Dayrell (1996) citando Ezpeleta e Rockwell (1986), nos diz que

A escola, como espaço socio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressas pelos sujeitos sociais (DAYRELL, 1996, p. 2, *apud* EZPELETA & ROCKWELL, 1986).

Deste modo, a escola, principalmente a pública, é um local onde transitam diferentes sujeitos pertencentes a contextos de vidas e sociais diferentes. É neste espaço que o indivíduo se desenvolve integralmente em suas amplas áreas cognitivas, afetivas e motoras. Negar esta condição é lançar o sujeito para uma educação desfavorecida. As camadas populares possuem o direito à educação, e esta por sua vez, não pode ser negligenciada pela sociedade e pela própria família. Não é somente na instituição de ensino que a educação acontece, está presente em nosso entorno.

De acordo com Dayrell (1996)

A educação, portanto, ocorre nos mais diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade, em determinado momento histórico. Nesse campo educativo amplo, estão incluídas as instituições (família, escola, igreja, etc...), assim como também o cotidiano difuso do trabalho, do bairro, do lazer, etc. (DAYRELL, 1996, p. 8).

Partindo do que o autor expõe fica claro que a educação está situada em todos

os espaços sociais e que neles se desenvolvem de acordo com sua estrutura de vida. Portanto, Diamante cria uma relação muito intensa com a escola e mesmo ocorrendo inúmeras rupturas teve força de vontade para não desanimar e seguir em frente com seus objetivos educacionais.

[...] eu ia pra Viana voltava por que sempre tinha uma ruptura com a escola talvez seja isso que me... Que eu consigo fazer tão bem hoje por que tem gente que fala assim “ah tá, eu não vou parar de estudar agora por que se eu parar eu não volto mais;” não, pra mim isso não é problema, voltar, retornar estudar, eu volto com a mesma facilidade que eu parei de estudar eu volto, me readapto (DIAMANTE, MARÇO/2015).

No relato evidenciamos o que mais pulsava na entrevistada: seu desejo em habitar a escola e aprender. Foram as rupturas que a estimularam para continuar no caminho da luta por educação, para poder estudar, e também, para instigar suas duas filhas aos estudos. Uma mulher negra que queria estudar independente de estar longe da família e de sua querida mãe, de quem tanto sentia saudade. Saudade de seus carinhos: “*Eu amo a minha mãe, as histórias da minha mãe. Essa sim eu sinto muita saudade, (emoção) [...]*” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Em toda tessitura da narrativa, a imagem da mãe é lembrada com nostalgia e muito amor, seus olhos sempre lacrimejavam.

Seu envolvimento com a escola e suas respectivas interrupções escolares perduraram por alguns anos, e assim, aos dezoito ainda não havia concluído o Ensino Fundamental. Concluiu essa etapa quando estava residindo em São Paulo, trabalhando como empregada doméstica “*[...] assim 21 a 22, eu já estava morando em São Paulo [...] empregada doméstica não podia estudar que tinha que trabalhar muito, servi o almoço e jantar [...]*”, e ainda, “*[...] eu era uma empregada doméstica que morava na casa dos patrões e eu não tinha quem pagasse, como pagar o aluguel em São Paulo [...]*” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Trabalhava muito cotidianamente para sustentar-se e para enviar dinheiro para sua família e filha, que ficou morando com os avós no Maranhão. A grande maioria das mulheres negras têm como profissão ser empregada doméstica, é um ofício digno como qualquer outro, mas pouco regularizado, ficando a mercê de tantas coisas; porém ressaltamos que em sua grande maioria são as mulheres negras que compõe esse cenário do mercado de trabalho.

No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência

institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados, e nos últimos 76 anos, o Movimento Nacional das Domésticas luta para ter os mesmos 34 direitos garantidos às outras categorias de trabalhadores como, defendia Laudelina de Campos Mello⁹. O inconsciente coletivo escravocrata tem duas funções: preservar a lógica das elites oriundas das experiências econômicas no país; e manter os afrodescendentes à margem da sociedade através do racismo e da negação do conhecimento das identidades africana e indígena (SOUZA, 2013, p. 67).

As desigualdades raciais são marcas da sociedade capitalista e sob a pele dos negros permanecem as chagas da opressão, do desrespeito, da injustiça, preconceito, racismo e invisibilidade. As mulheres negras nesse contexto são as mais prejudicadas, pois são vistas como inferiores até mesmo pelos homens negros. A realidade da mulher negra é uma realidade trajada por lutas e conquistas diárias por um espaço na sociedade.

As desigualdades raciais no Brasil são expressivas, principalmente no campo da educação. Fenômeno semelhante ocorre no mercado de trabalho, visto que a participação de negros em postos de trabalho de maior prestígio ainda é muito restrita. Essa realidade se torna mais grave quando se trata das mulheres negras, pois elas se encontram numa situação de desvantagem em relação aos homens brancos, às mulheres brancas e aos homens negros de várias esferas da vida social, e mais diretamente em relação ao acesso a postos de trabalho de prestígio social, cujos rendimentos são elevados (NASCIMENTO, 2013, p. 33).

O desejo de estudar era inquietante em Diamante. A escola era o lugar onde desejava e queria se fazer presente e foi em São Paulo que retomou os estudos e

⁹Laudelina foi líder feminista, incansável lutadora dos direitos do negro e das empregadas doméstica no Brasil. Passou por uma infância de exploração, discriminação e racismo, o que a levou a desenvolver dentro de si a indignação com a desigualdade social no país. Foi presidente do Clube 13 de Maio, que promovia atividades recreativas e políticas. Tornou-se uma ativista da Frente Negra Brasileira. Passou a atuar em movimentos populares e sua militância ganhou um peso político e reivindicatório com sua ligação ao Partido Comunista Brasileiro. Quando as atividades políticas foram proibidas em função do Estado Novo, mudou-se para Campinas, onde se integrou ao movimento negro da cidade e denunciou que as empregadas negras eram rejeitadas, protestando contra os anúncios racistas, publicando no jornal *Correio Popular*. Sua militância nos movimentos, seu senso crítico aguadíssimo e a intolerância contra o preconceito racial foram fundamentais para criar as Associações de Domésticas em Santos (1936), no Rio de Janeiro (1962), em São Paulo (1963) e em Campinas (1961) que deu origem ao Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Campinas e Região em 1988. Atuou nas universidades brasileiras por mais de 30 anos, até seu falecimento. Morreu em Campinas no dia 23 de maio de 1991 e está sepultada no cemitério da Conceição. É um símbolo de luta porque tornou visível o trabalho doméstico, denunciou a desvalorização e buscou conquistar direitos trabalhistas e dignidade, expondo a situação de profunda pobreza, racismo e machismo em que vivem milhares de mulheres negras em todo o país. Por não ter parente, Laudelina deixou seu único imóvel para o Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas com documento registrado em cartório e, enquanto existir uma doméstica no país, a casa deve servir para a categoria se organizar (SOUZA, 2013, p. 86-87).

concluiu o Ensino Fundamental e Médio via Educação de Jovens e Adultos a EJA.

[...] aí eu voltei a concluir lá pelo Madre Vicunha a EJA aí repeti de novo fiz, aí no final do ano eu passei e aí eu fui pra um colégio do Estado fiz o primeiro ano do Ensino Médio no Estado letivo e aí eu tinha muita vontade de estudar no Madre... Esse no colégio São Luis em São Paulo eu prestei vestibulinho no colégio, passei as férias inteira estudando prestei o vestibulinho e entrei no colégio São Luis em São Paulo (DIAMANTE, MARÇO/2015).

A Educação de Jovens e Adultos - EJA - foi fundamental para Diamante, pois foi através desta modalidade que ela alcançou sua formação no nível fundamental e básico de escolarização. Os sujeitos que chegam para estudar na EJA não são mais crianças; trazem consigo bagagens de vida, caminhos e experiências que foram aprendendo com o passar dos anos e de suas escolhas para sua vida. Acerca dos indivíduos que procuram a EJA Oliveira (2012) expõe

As pessoas que procuram as classes de Educação de Jovens e Adultos, tanto do primeiro quanto do segundo segmento, não são crianças grandes, que ficaram para sempre imobilizadas, cristalizadas em uma infância com pouca ou nenhuma escolaridade. Estes adultos estão às voltas, exatamente, com os mesmos afazeres e questões que os seus pares de faixa etária: trabalho, moradia, alimentação, transporte, saúde, relacionamentos amorosos, maternidade/paternidade, realizações pessoais, práticas desportivas, manifestações artísticas, religiosas e políticas. Em geral, advindos das camadas populares, possuem trajetórias distintas entre si, mas que guardam a similaridade do enfrentamento de grandes adversidades, quase sempre, por sua própria condição de classe (OLIVEIRA, 2012, p. 185).

Ou seja, são indivíduos que possuem características distintas dos sujeitos que frequentam a escola dita regular. Para estes devemos possuir um olhar atento, pois muitos deles procuram a EJA com o intuito de ampliar seus horizontes no quesito profissional, para ajudar na renda familiar, e também, para concluir o processo de escolarização.

Na visão de Gonçalves (2012) acerca do trabalho

Na EJA o trabalho é uma questão muito presente. Seja porque os alunos estão tentando manter seus empregos, seja porque estão procurando se qualificar para conseguirem um, seja porque acreditam que só com educação poderão consegui-lo mais adiante. Mesmo os jovens que nunca tiveram essa experiência atribuem grande importância à escola para conseguirem uma profissão. (GONÇALVES, 2012, p. 39)

Seu ingresso aos estudos era paralelo às atividades profissionais que exercia: era

empregada doméstica nos dias de semana e aos finais de semana fazia comidas congeladas para poder ter uma renda extra para se manter em São Paulo. Diamante permaneceu por dez anos enviando todo o seu salário de emprega doméstica para seus pais: “[...] *todo final de semana eu entrava na cozinha pra fazer congelado, para poder ter dinheiro para me manter, e o meu salário eu mandava pro meu pai e pra minha mãe. [...] durante dez anos eu fiz isso, todos os meses*” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Então, era da renda extra que ela usufruía para sobreviver na cidade.

Assim que chega em São Paulo vai trabalhar de emprega doméstica numa casa onde só moravam sujeitos brancos. Vivendo neste contexto mais intensamente, Diamante se introduz num mundo diferente do seu, daquele no qual vivia no Maranhão, “*Aí quando eu venho pra São Paulo eu vou pra um contexto que é totalmente diferente, eu vou conviver com branco, pessoas brancas. Aí aquilo se internaliza mais [...]*” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Sua identidade negra neste momento é escamoteada por ela mesma, consciente e inconscientemente; convive com outros costumes, outros pensamentos e o seu desejo por pertencer àquele local era mais revelador do que sua própria identidade “[...] *na casa onde trabalhava todo mundo era branco. E aí é engraçado né? Por que lá eu nunca ouvi valorização do negro assim sabe?*” (DIAMANTE, MARÇO/2015). O contexto deste lar não viabilizou-lhe da sua identidade negra; não podia se mostrar como negra numa casa onde ninguém comentava sobre, onde as pessoas sequer falavam bem ou mal do negro. Sob a ótica de Costa (1982)

Para o sujeito negro oprimido, os indivíduos brancos, diversos em suas efetivas realidades psíquicas, econômicas, sociais e culturais, ganham feição ímpar, uniforme e universal: a brancura. A brancura detém o olhar do negro antes que ele penetre a falha do branco. A brancura é abstraída, reifica, alçada à condição de realidade autônoma, independente de quem a porta enquanto atributo étnico ou, mais precisamente, racial (COSTA, 1982, p. 4).

Como nos revela Diamante, acreditamos que a mesma ficou perpetrada pela brancura no período em que foi emprega doméstica na casa desta família branca. Ela sabia de sua real condição no contexto desse lar, sabia qual era seu local de pertencimento, porém resignou-se¹⁰, vestiu-se com outra roupagem e resguardou a sua origem de mulher negra para conviver num ambiente totalmente branco. Nos torna claro mais uma vez que o sujeito branco estabelece as regras mesmo não as expondo

¹⁰DEFINIÇÃO: Uso restrito. Atribuir uma nova significação a; dar um novo significado, um novo sentido a alguma coisa: precisava ressignificar experiências.
Disponível em: <http://www.dicio.com.br/ressignificar/>. Acesso 17 de Junho de 2015.

explicitadamente silenciando a voz do negro o invisibilizando e colocando-o num nível inferior ao seu.

A sociedade brasileira coloca uma égide¹¹ sobre a sua verdadeira realidade. Ou seja, a mesma é segregada pelas diferenças que são encontradas nos grupos étnico-raciais. Não vivemos numa democracia igualitária para todos, as condições de vida da população negra no país é de desigualdades sociais, bem díspare da população branca que esta introduzida em todas as esferas da sociedade. Sobre a temática de democracia racial, Gomes (2005) diz que

Ninguém nega o fato de que todos nós gostaríamos que o Brasil fosse uma verdadeira democracia racial, ou seja, que fôssemos uma sociedade em que os diferentes grupos étnico-raciais vivessem em situação real de igualdade social, racial e de direitos. No entanto, os dados estatísticos sobre as desigualdades raciais na educação, no mercado de trabalho e na saúde e sobre as condições de vida da população negra, revelam que tal situação não existe de fato (GOMES, 2005, p. 56).

Salientamos que é um processo histórico e a sociedade insiste no discurso que não é provida de preconceitos; sejam eles de classe social ou cultural, eles existem sim. A violência, o racismo exacerbado, os semblantes preconceituosos e as desigualdades de gênero e sociais são as realidades que estão postas no sistema capitalista.

Todavia, a sociedade brasileira, ao longo do seu processo histórico, político, social e cultural, apesar de toda a violência do racismo e da desigualdade racial, construiu ideologicamente um discurso que narra a existência de uma harmonia racial entre negros e brancos. Tal discurso consegue desviar o olhar da população e do próprio Estado brasileiro das atrocidades cometidas contra os africanos escravizados no Brasil e de seus descendentes, impedindo-os de agirem de maneira contundente e eficaz na superação do racismo (GOMES, 2005, p. 56).

Algum tempo depois, Diamante saiu deste emprego na casa da família branca, pois não aprovavam muito a sua ideia de estudar e ela prontamente nos expõe que “[...] eu [...] falei que se não fosse pra estudar eu ia sair e saí do trabalho [...]” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Assim que saiu deste emprego conheceu uma pessoa que ajudou muito; foi neste contexto que nossa entrevistada mudou radicalmente sua vida: “[...] e aí consegui, arrumei emprego na casa da Yz¹² que foi onde eu passei 17 anos e

¹¹DEFINIÇÃO: Aquilo que pode servir para amparar; defesa ou proteção. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/egide/>. Acesso 17 de Junho de 2015.

¹²Yz ajudou financeiramente Diamante a comprar um terreno no qual hoje encontra-se sua casa em Florianópolis. Nos dias atuais a entrevistada não trabalha mais na casa de Yz, porém foi perceptível no

meio trabalhando [...]” (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Acabou mudando-se para Florianópolis a convite de sua atual patroa, esta por sua vez apoiava Diamante nos estudos. Em São Paulo não conseguiu finalizar o Ensino Médio, pois naquela escola eram juntos o curso técnico e o propedêutico. Residindo na cidade optou por retornar ao estudos, brotou novamente a sementinha de querer ser pertencente ao universo da educação, neste momento almejava adentrar na Universidade.

Aí quando chego aqui eu decidi de novo volta a estudar, por que eu não tinha o Ensino Médio pelo fato de não ter concluído o estágio pro técnico; eu fiz de novo o Ensino Médio aí eu fui estudar no colégio Energia. Eu fiz o supletivo no Energia pra conclui o Ensino Médio. Aí fiz, beleza; passei, não rodei, não fiquei de recuperação também mas aí aconteceu de novo uma coisa engraçada: eu queria por que queria fazer mecânica (sorrisos), aí eu fui lá, prestei a Escola Técnica e passei - eu única mulher, passei na Escola Técnica, ahhh pra mim foi o máximo! (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Nesta etapa de sua vida, decidiu primeiramente prestar o exame para a Escola Técnica de Florianópolis, hoje o atual Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC - para o Curso de Mecânica; foi aprovada e sentiu-se empoderada por ser a única mulher negra que compunha a classe. Porém, mais adiante percebeu que este Curso não era tão interessante quanto idealizava e desistiu, “[...] eu fiz durante acho que uns dois meses a Escola Técnica depois cheguei lá e vi que era muita matemática, muita física, muita química eu fala “ahhhhh não né? Deixa isso pra lá” (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Abandonou um pouco a vontade de estudar quando decidiu que estava na hora de trazer sua filha Esmeralda para morar com ela na cidade: Então, conta, “[...] eu larguei a escola de mão, e aí tinha minhas amigas da época me cobravam muito por que eu não me dedicava para a Esmeralda. Segundo elas eu tinha que apostar mais na minha filha e parar de querer bater a cabeça com escola” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Seguindo o conselho de suas amigas, Diamante decide deixar a escola de lado e dedicar-se mais a sua filha, lhe respaldando com educação, carinho e mais atenção. Foi quando percebeu que a filha Esmeralda demonstrava um certo desinteresse por este mundo que para ela era primordial, a escola. Observando o distanciamento da filha, Diamante então, volta a estudar para tentar estimular sua filha para o aprendizado, para o gosto pelo aprender “[...] tinha decidido que eu não ia mais voltar a estudar. Aí eu só voltei a estudar quando eu vi que a Esmeralda estava se afastando muito da

escola [...]” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Assim, retorna com força total para os estudos.

3.3. A Universidade e o Curso de Pedagogia: “a primeira da família que está fazendo curso superior”

O sonho de adentrar na Universidade estava cada vez mais próximo, após uma breve interrupção neste querer habitar o universo de novos conhecimentos e aprendizagens, Diamante retoma o estudo: faz cursinho pré vestibular e faz a prova da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Na UFSC prestou vestibular para o Curso de Direito, porém, sem sucesso não conseguiu a aprovação, sendo este vestibular prestado sem sua inscrição por cotas, “[...] a UFSC pra Direito né? (ênfase) Tão sonhada profissão do meu avô né?” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Relata que desempenhou um bom papel em seu primeiro vestibular na UFSC, portanto, no segundo dia de prova Diamante se atrasa, pois havia passado a noite em claro trabalhando na construção de sua casa.

[...] primeiro vestibular daqui da UFSC (...) me saí super bem [...] Mais aí o que, eu estava construindo também a minha casa, eu tinha passado a noite inteira acordada e no outro dia eu tinha prova de redação; aí eu consegui chegar atrasada na prova de redação, aí prestei cursinho mais um ano, prestei no meio do ano de novo (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Na UDESC tentou para o Curso de História, passou na primeira etapa, porém na segunda reprovou em Filosofia, “[...] a primeira vez eu prestei pra UDESC, aí fui classificada, mais aí Filosofia sempre me rodava né?” (DIAMANTE, MARÇO/2015). No mesmo ano prestou vestibular novamente para ambas as Universidades: na UDESC permaneceu com a opção do mesmo Curso, na UFSC por sua vez, optou pelo Curso de Pedagogia, “Pedagogia, por que Pedagogia? Uma, quando eu voltei a fazer cursinho eu sabia que eu tinha dificuldade em Português, então na minha cabeça quando eu entrei aqui a Pedagogia iria sanar (ênfase) essas dificuldades [...]” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Porém, estava certa que não iria adentrar no Curso, estava desiludida e sem esperanças. Nesse vestibular Diamante fez a inscrição como cotista.

Aí quando chegou no final do ano eu tinha prestado pra cá e já tava até desiludida né? “Ahh, vou prestar e não vou passar mesmo nessa caca”. Aí tinha passado... ‘ahhh foi super legal’, acho que foi tão feliz

quando vi que eu tô superando minhas dificuldades com a escrita...[...] Nesse último que eu fiz, foi por cotas e fiquei no quinto lugar por cota, graças a Deus. Viu, diga-se de passagem, sou uma aluna exemplar (ênfase), não tanto por que Filosofia não me deixa ser (sorrisos) entendeste? [...] foi aí que eu ingressei na UFSC em 2011, prestei vestibular em 2010 [...] (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Diamante expressa com muita veemência que é a favor das ações afirmativas na UFSC e que esta implementação ocorrida desde dois mil e oito potencializou a entrada do negro na Universidade. Complementa falando que seu olhar para esta temática mudou após seu ingresso na UFSC e que o sujeito negro tem que lutar por seus direitos: *“Esse reivindicar seus direitos, se ele não reivindica ele nunca vai ter direito” (DIAMANTE, MARÇO/2015).*

Ah eu defendo. Acho que tem que ter sim, o percentual determinado mesmo; a gente tem que ir pra lá, lutar mesmo. Garantir, por que só assim a gente vai conseguir com que diminua essa desigualdade que existe tão acirrada no país. E é por isso, é que a outra parcela tem tanto medo, e se renega tanto essas ações afirmativas sabe? Fala, faz questão de usar justamente o que, o que tá dito sabe? É o racismo, o preconceito. Eles utilizam muito bem isso para colocar esse negro em desvantagem, sabe assim? (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Para uma melhor compreensão dos termos que estamos abarcando, achamos relevante mostrar a diferença entre ação afirmativa e cotas raciais.

Portanto, para Santos (2012)

Ação afirmativa é tratar de forma preferencial aqueles que historicamente foram marginalizados, para que lhes sejam concedidas condições equidistantes aos privilegiados da exclusão. Diferencia-se drasticamente da redistribuição, já que não é simples busca de diminuição de carência econômica, mas sim uma medida de justiça, tendo por base injustas considerações históricas que erroneamente reconheceram e menosprezaram a identidade desses grupos discriminados (SANTOS, 2012, p.46).

Ou seja, é uma forma de garantir o espaço do sujeito marginalizado no âmbito da sociedade, tendo este seu direito assegurada pelas ações afirmativas. Seja o indivíduo excluído ou aquele que não vem tendo a voz e seus direitos garantidos pelo Estado. Nas palavras de Camargo (2005),

[...] a ação afirmativa parte do reconhecimento de que a competência para exercer funções de responsabilidade não é exclusiva de determinado grupo étnico, racial ou de gênero. Também considera que os fatores que impedem a ascensão de determinados grupos estão

imbricados numa complexa rede de motivação, explícita ou implicitamente preconceituosas (CAMARGO, 2005, p. 106 *apud* SISS, 2003, p.116).

Conforme a autora coloca, as ações afirmativas não são exclusivas de um determinado grupo classificado conforme suas aptidões, ou relações étnico-raciais ou gênero. Perpassa essas esferas e nos coloca no eixo principal deste contexto, as ações afirmativas corroboram para que os atos preconceituosos expostos ou não dentro da sociedade não impeçam os negros e os indígenas de ingressarem na Universidade. A educação superior torna-se um objetivo alcançável para a população negra, como cita Camargo (2005) a relevância das políticas de ações afirmativas

A questão do negro na educação superior está na pauta dos intelectuais que fazem a análise da sociedade, da universidade e da possibilidade de acesso à universidade dos historicamente excluídos dos bens econômicos, materiais e culturais. Não resta dúvida de que as políticas públicas de ação afirmativa são, em grande parte, responsáveis por colocarem a realidade social do negro, bem como a sua condição de cidadão entre os temas mais debatidos nos últimos dois anos, no Brasil (CAMARGO, 2005, p. 27).

No que diz respeito as cotas raciais, Santos (2012) evidencia que

As cotas raciais constituem simplesmente uma espécie do gênero ações afirmativas. Mesmo restringindo o debate a políticas públicas, configura-se a possibilidade de outros meios de garantir acesso ou privilégio ao emprego e à educação para contingentes raciais historicamente excluídos que não são as cotas (não sem questionamentos sobre sua eficácia), como o uso da raça como critério de seleção interna de cargos ou mesmo acompanhamento privilegiado dessas minorias com incentivos estatais (SANTOS, 2012, p. 49).

As cotas raciais caracterizam-se como sendo um desdobramento das ações afirmativas, porém, destinadas para a população negra visando seu ingresso no meio acadêmico. Ambas são importantes para que os indivíduos excluídos que se acham incapazes possam perceber que são muito capazes de habitar o espaço da Universidade, independente da cor, orientação sexual e religião.

Diamante também menciona que percebeu no decorrer de sua caminhada acadêmica gestos e ações preconceituosas de pessoas que faziam parte do seu novo contexto, por mais que não fosse algo explícito o pré conceito, a estigmatização e o racismo estavam presentes. Desde o início da graduação Diamante se assumiu como mulher negra e empregada doméstica, vinda do interior do Maranhão e que havia

adentrado na UFSC por intermédio das cotas. Se assumia nessa condição, porém não em sua totalidade. Semblantes fechados ou mesmo esnobes surgiam e isso advinha de alguns professores também, de acordo com sua palavras *“Existe sim! Existe por que você vê na forma deles tratarem os alunos na sala, entendeu? Então quer dizer... É aquela coisa, existe até no próprio contexto dos alunos”* (DIAMANTE, MARÇO/2015). Em sua narrativa, Diamante relata um fato ocorrido quando a mesma se posicionou falando que adentrou pelas cotas na UFSC

[...] eu [...] falei pra uma aluna da minha turma, falei que era cotista, ela falou assim “ah mais você entrou pelas cotas?”. Falei “entrei pelas cotas sim, pelas ações afirmativas sim!”. E bem, qual é a diferença? Você sabe quais foram as minhas notas? Tirei seis sim, tiro e falo abertamente que tirei seis, eu não tenho vergonha de me expor, de me dá minha cara pra bater. Entrei, defendo e tiro seis sim, se for preciso. Pra mim o que, que importa nesse mundo, não é passar? (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Imensamente feliz por ter conseguido uma vaga na Universidade, por poder transitar neste espaço, Diamante conta *“[...] eu ingressei pelo fato achar que a vida ia mudar, que a UFSC ia fazer com que eu tivesse uma qualidade de vida melhor [...]”* (DIAMANTE, MARÇO/2015). Pela primeira vez vê o sonho de seu avô tornando-se realidade, não foi no Curso que ele desejava, porém, era naquele que iria de alguma maneira subsidiá-la.

Acredito que era uma ilusão [...] Acho que ainda tem um pouco lá... Daquele fio da infância, que a partir de quando você entra numa faculdade tudo muda na sua vida. Eu tinha essa ilusão, então eu ingressei com essa ilusão sabe? E eu não tinha todo esse conhecimento assim, o que é uma instituição, o que é uma universidade entendeu? (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Sua trajetória dentro do Curso de Pedagogia não foi nada fácil, principalmente nas primeiras fases, pois sua vida pessoal estava bem conturbada, sua filha mais nova Quartzito necessitava de acompanhamentos médicos, e se Diamante não pudesse contar com ao auxílio de Esmeralda, talvez não conseguisse continuar sua graduação. A renda familiar advinha somente de Diamante, era a única provedora da renda familiar. O Curso de Pedagogia possui um currículo muito intenso, nas fases iniciais são sete disciplinas por semestre, diante disto, Diamante teve que desdobrar-se em muitas para conseguir frequentar as aulas e cuidar de Quartzito. Esmeralda não residia mais com sua mãe neste momento, constitui família e hoje é casada. Foram dois os maiores desafios de Diamante no Curso: *“O meu principal desafio dentro do curso foi simplesmente esse*

financeiro e a superação de ensino-aprendizagem sabe? Português em si.” (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Não foi acolhida, não recebeu respaldo quando procurou ajuda nas instâncias dentro da UFSC, sentiu-se sozinha numa Universidade tão desejada há tempos. Não foi ouvida, uma voz de uma mulher negra silenciada por sujeitos que simplesmente negam-se a escutá-la. Estamos falando aqui de uma escuta atenta e cuidadosa, como a mesma utilizada pelo entrevistador no ato da realização da entrevista.

[...] por que, que [...] não acolhem essas mulheres? São todas mulheres, são todas que tem uma carga imensa. Por que, que não acolhem essas mulheres direito? Por que, [...] não escuta [...] o Curso de Pedagogia que cuida de infância, é infância, é criança (...) acho que precisa ver isso um pouquinho sabe? Cuidar desse, dessa coisa, dessa criança que já é adulta, [...] coloca coisas boas ali, por que se você se apropria disso é óbvio que a tua sala de aula, você vai passar isso, e aí o que você vai ter, crianças maravilhosas, vai ter crianças que estão vindo hoje e estão cansadas de estar ali, as crianças se sentem mortas sabe? Você não vê os olhinhos das crianças brilharem, você não vê os olhos das alunas da Pedagogia brilhar, sabe? (DIAMANTE, MARÇO/2015).

No relato acima, explicita a importância da escuta e o quanto isso é falho no Curso de Pedagogia. Somos adultos nos quais ainda residem crianças que precisam de atenção, carinho e zelo quando necessário. Precisamos ser ouvidos, mas que essa escuta sirva para que alguma providência seja alcançada e não fique só na argumentação de que “vamos fazer”.

No decorrer de sua história acadêmica Diamante passou por momentos de contentamentos e descontentamentos. Não foi fácil chegar até a nona fase da Pedagogia. Enfrentamentos diários sob os olhares torpes de sujeitos que não a enxergavam como pessoa de direito e deveres, enfrentou diariamente inúmeros pormenores para chegar ao término da graduação. Nesta caminhada, encontrou pessoas que foram essenciais neste tempo de ser uma discente na UFSC. Logo na primeira fase contou com a ajuda de duas docentes, cada qual a respaldando a sua maneira.

[...] eu tive ajudas assim de pessoas maravilhosas aqui dentro da UFSC, a professora Vânia foi uma pessoa que me ajudou ‘um monte’ durante toda minha trajetória na UFSC e também fui muito sortuda nisso tudo né? Por que encontrei a Vânia na primeira semana de UFSC e diga-se de passagem, ela foi uma pessoa assim (...) ‘meu’, não dá nem pra descrever, o que ela fez por mim dentro da UFSC assim sabe?[...] Ela era professora do Curso, então de uma certa forma ela me acolheu, por que ela me escutou; ela passou uma tarde inteira me escutando e [...] e me falou: você tem sim direito! Tanto ela

quanto a Olinda (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Um período muito enriquecedor na trajetória de Diamante na UFSC foi sua presença no Núcleo Vida e Cuidado: neste espaço, que na época era coordenado pela professora Patricia de Moraes Lima, a acadêmica viu-se acolhida e abraçada por uma docente que queria apoiá-la em seu caminhar na graduação. Esse encontro ocorreu na quinta fase.

Aí [...]comecei a frequentar as reuniões no NUVIC. Pra mim foram muito válidas, eu acho que lá na segunda fase eles já deveriam encaminhar os alunos pra algum tipo de pesquisa, algum núcleo de pesquisa. Pelo menos pra aprender um pouco dos conceitos e de tudo que é tratado assim em termo de pesquisa dentro da universidade. E aí o sujeito já ia [...] se apropriando disso, entende? Isso é bagagem e isso também é muito importante [...] Isso tudo acho que o NUVIC me deu e com a pesquisa em si acho que tô entendendo isso. Por que é difícil você entender, você conseguir se apropriar disso tudo, de todos os conhecimentos que tem aqui [...]. Sabe, não de todos, mais pelo menos os básicos você deveria ter (DIAMANTE, MARÇO/2015).

No trilhar seu destino dentro da Universidade e respectivamente na graduação de Pedagogia, Diamante encontrou pessoas que considera como amigas e que levará para sempre em sua memória e coração. Algumas dessas amizades constituíram-se desde o primeiro dia de aula, outras foram sendo alicerçadas aos poucos. Deste modo, Diamante lapidou seu olhar para perceber que ao seu entorno haviam mais pessoas que gostavam dela e que a queriam tão bem quanto as suas primeiras amizades: “[...] com o andar você vai conhecendo outras pessoas, pessoas que são maravilhosas, que você também não parou pra ver o contexto daquela pessoa, entendeu?” (DIAMANTE, MARÇO/2015). Sentiu certos olhares preconceituosos para sua pessoa e sua condição de mulher negra dentro do contexto da UFSC e não intimidou-se com tais ações dos sujeitos; possuiu o discernimento de afastar-se de quem não desejava sua presença.

Ah eu acho que na primeira fase eu senti muito egoísmo assim, das pessoas muito individuais. Acho que não precisa essa guerra de poder que a UFSC lança entendeu? [...] Teve umas pessoas que eu meio que me afastei, por que eu acho que eu não me encaixava, no grupo, entendeste? (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Diamante nos conta que não possuía a dimensão do quanto a Universidade era diferente daquilo que imaginava. Acreditava que seria um âmbito de fácil acesso e permanência, mas somente ela sabe na pele o que viveu nestes quatro anos e meio de

graduação; de noites elaborando trabalhos, seguidos de dias fazendo faxinas para se manter financeiramente. Uma de suas certezas maiores consiste em saber que “[...] *melhorar de vida na sociedade de uma certa forma, de uma certa forma não, você só consegue isso através da escola*” (DIAMANTE, MARÇO/2015), neste caso a Universidade. Ressalta que ficou impressionada com este universo repleto de novas informações, de conhecimentos até então nunca explorados, “[...] *eu não tinha que dominar todos esses conceitos, conteúdo, [...] não fazia a menor ideia disso tudo*” (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Dentre todas as dificuldades enfrentadas brilhantemente por essa mulher negra, uma delas foi a conquista de ter, pelo menos um semestre o auxílio de uma monitoria que fosse eficaz e capaz de respaldá-la em suas dificuldades. Foi uma briga fervorosa para que a acadêmica conseguisse uma monitora.

Eu estava em discussão com a Janaina por que eu queria uma monitoria pra mim, pra superação das minhas dificuldades em Português sabe? Por que aí ao mesmo tempo em que eu não tinha aqui, eu sempre precisei da minha filha me ajudar a ler os trabalhos entendeu?[...] Então queria uma monitoria pra me ajuda sabe? Para fazer meu trabalho, me ajudar a ler e [...], mostrar pra mim “olha Diamante para e lê o que tu tá escrevendo, aonde tu tá escrevendo tá tendo falha?”. Era isso que eu queria e foi isso que eu fui correr atrás (DIAMANTE, MARÇO/2015).

O apoio pedagógico pela ótica de nossa entrevistada funciona, mas assim como outros setores, possui suas falhas e lacunas imensas entre o que é anunciado e o que de fato se efetiva:

[...] queriam formular uma coordenadoria do apoio pedagógico, essa coisa toda. E antes quem era responsável pelas ações afirmativas era a Corina, então eu sempre procurava a Corina. Então nessa quarta fase assim, eu tive um apoio pedagógico, vamos dizer muito pouco. Por que quando termino a terceira fase eu liguei pra Corina e falei “eu quero monitoria”, eu fui bem enfática com ela, “por que eu quero, se você não me der [...] eu vou brigar dentro da UFSC”. Aí sim, quando iniciou, na primeira semana ela me ligou, e aí tinha [...] Natalia eu acho, era uma pedagoga formada daqui da UFSC que me acompanhou. Pô foi uma fase muito boa, muito boa mesmo a quarta fase [...]. Por que assim, eu consegui fazer todas as disciplinas [...] (DIAMANTE/MARÇO/2015).

Na fala de Diamante fica evidente que o programa institucional existe, que em determinados momentos apoia os estudantes, mas em outros deixa a desejar. Muitos acadêmicos recebem apoio pedagógico mas não conseguem superar suas dificuldades.

Acreditamos que se ele procura ajuda é porque necessita de um direcionamento, e que o aluno deve buscar seus direitos, deve assumir-se como protagonista de sua história e ir ao encontro com seus objetivos sem deixar-se embrutecer. Nas palavras de Diamante

[...] o aluno chega, eles não encaminham sabe? E principalmente, tá beleza! Mais como sabem qual o aluno que tá com dificuldade? Tem aluno que chega aqui e grita, não é possível que todos os alunos se escondem dentro de uma máscara, não querem dá tua cara a tapa? Eu não, eu assumi isso, se eu assumi eu achei que assim, a partir do momento que você assume, a instituição tem responsabilidade com esse sujeito sabe? Tem que por alguém pra essa pessoa. E aí começa a época, que a Mariana fico comigo ali na quarta fase (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Por conseguinte, o Curso de Pedagogia é compreendido por nossa entrevistada como sendo um espaço no qual o discente pode eliminar suas dificuldades, “[...] então no meu ponto de vista a Pedagogia teria que simplesmente vê isso e sana as dificuldades desses alunos, mesmo por que a UFSC abriu porta pra esse sujeito entra, se ela abriu ela tem que dá suporte pra ele supera isso tudo entendeu? (DIAMANTE, MARÇO/2015). Esta visão a acompanhou por todos estes anos de graduação. Na prática constatou que nem sempre o sujeito consegue reparar aquilo que o acompanha; noutros momentos constatou, e ela é a prova disso, que o indivíduo se desenvolve e que cria asas próprias para ir ao encontro de novos conhecimentos e conseqüentemente desafios na UFSC.

Acho que tem que partir de nós, tem que ser um conjunto, é o conjunto aluno-professor e a UFSC também tem que fazer seu papel, as universidades tem que fazer seu papel e parar de dizer “ah tá, o cara entro aqui com dificuldade não é problema meu”. É problema teu sim cara pálida! (ênfase). Você tem que fazer sim entendeu? Eu não consigo entende? Isso sinceramente tem muita coisa que acontece aqui que ainda não consigo, acho que digeri sabe assim? E que ainda me revolta muito e talvez seja um pouco da minha história, não sei (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Partindo do que descreve Diamante, é um conjunto, é uma articulação entre o aluno, o docente e a UFSC. Cada qual deve assumir seu papel e fazer com que caminhem de forma adequada. Cabe à UFSC investir mais em serviços e pessoas qualificadas para alicerçarem os sujeitos que ingressam na Universidade e que não desempenham como desejam. O docente, por sua vez, deve investir-se de bom senso e discernimento para corroborar com a erradicação dos possíveis problemas dos seus alunos, apontando possíveis caminhos para tal feito. Por último, discente não deve

jamais perder a força, não entristecer e muito menos deixar-se vencer por não alcançar seus objetivos de imediato, pois nem sempre tudo acontece momentaneamente; é preciso ter paciência e um olhar flexível para as adversidades.

3.3.1. O Curso de Pedagogia e sua estruturação

O Curso de Pedagogia na UFSC é oferecido no turno vespertino; em seu total são nove fases compostas por disciplinas que corroboram para a formação acadêmica do discente.

[...] o Curso de Pedagogia da UFSC forma profissionais que atuam no magistério ensinando crianças e adolescentes nas séries iniciais do ensino fundamental e da educação infantil. Além disso, participam na organização e na gestão de sistemas, unidades e projetos educacionais, tendo ainda o papel de produzir e difundir o conhecimento nas diversas áreas da educação (UFSC - CED/PEDAGOGIA)¹³.

A graduação em Pedagogia declara ter como objetivo que

[...] contemple tanto a pesquisa como a prática pedagógica. A partir de 2009, o curso terá uma nova matriz curricular: reafirmando a docência como base da formação. O projeto pedagógico do Curso se organiza em três eixos básicos: educação e infância, coordenação dos processos educativos e pesquisa. Tem como foco privilegiado a formação de professores para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil, integrando num único percurso formativo as bases necessárias à atuação nas demais atividades pedagógicas das unidades e sistemas escolares. Assim, adequando-se às orientações das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia, nessa nova matriz curricular foram extintas as habilitações anteriormente oferecidas. Entretanto, apenas para os alunos que ingressaram até 2008.2, o curso transcorre pelo currículo anterior, situação que deve permanecer até 2011 (UFSC - CED/PEDAGOGIA)¹⁴.

O período de conclusão tem o prazo mínimo de nove semestres e o máximo de dezessete semestres. Possui uma grade curricular intensa com horários de aulas bem prolongados. Existe a carga de disciplinas obrigatórias que compreendem a 3510 horas-aula (2925 horas), a carga de disciplinas optativas composta por 72 horas-aula (60 horas), a carga de disciplina NADE¹⁵ com 108 horas-aulas (90 horas) e a carga de

¹³Excerto disponível em: <http://ced.ufsc.br/pedagogia/>. Acesso 29 de Junho de 2015

¹⁴Ibidem

¹⁵O NADE tem por objetivo o aprofundamento e a diversificação de estudos na área de Educação que contribuam na formação pessoal dos estudantes para as atividades exigidas no trabalho docente.

atividades técnico-científicas ou culturais totalizando 108 horas¹⁶.

Os docentes que ministram aulas na graduação do Curso são de dois departamentos distintos, existem aqueles vinculados ao Departamento de Estudos Especializados em Educação - EED e os que fazem parte do Departamento de Metodologia de Ensino - MEN. Cada respectivo Departamento possui perspectivas diferenciadas para a formação acadêmica e em cada um deles há perspectivas teóricas diversas.

A matriz curricular do Curso de Pedagogia é composta por três eixos: a) educação e infância; b) organização dos processos educativos e c) pesquisa que perpassam por todas as disciplinas das nove fases. Tais eixos “[...] articulam-se entre si e com as disciplinas gerais e específicas que representam também, por sua vez, especificidades e/ou aprofundamentos no âmbito da formação” (PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA - UFSC, 2006, p. 20). O tempo total de graduação é de quatro anos e meio; em cada fase fazemos em média sete disciplinas e algumas vezes este percentual se altera. É um currículo denso e extenso para ser totalmente efetivado no curto prazo de tempo que os quatro anos e meio acabam se tornando.

Acerca da distribuição e carga horária dos eixos o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia explicita que

A distribuição dos componentes curriculares, considerando-se sua carga horária, procurou observar a relação entre os eixos estruturantes da matriz curricular e os princípios orientadores do Curso: o eixo **Educação e Infância** totaliza maior densidade de carga horária, seguindo-se aquele da **Pesquisa e da Organização dos Processos Educativos**. Destes eixos, dois aglutinam disciplinas cujos conteúdos relacionam-se diretamente a formação para a docência, compreendida no seu sentido estrito e como atividade relacionada ao trabalho pedagógico da escola; são estes: Educação e Infância e Organização dos Processos Educativos. Tomados em seu conjunto totalizam 64

Caracteriza-se por uma vinculação a grupos de estudos e/ou pesquisas instituídos nesta área mediante diferentes modalidades de participação, podendo ou não ter caráter sequencial e de terminalidade. Compreende-se o NADE como espaço de discussões de temáticas correspondentes aos campos de interesse de pesquisa constituídos pelo corpo docente do curso de Pedagogia, bem como de temáticas emergentes que mereçam atenção no parecer do coletivo do curso e que representem demandas docentes e discentes. **Modalidades:** atividades de ensino, pesquisa e extensão. **Formato das atividades:** as atividades do NADE poderão constituir-se como disciplinas, seminários, estudos desenvolvidos junto aos grupos de pesquisa, oficinas de vivências, atividades artístico-culturais, entre outras (PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA - UFSC, 2006, p. 41-42 grifo nosso).

¹⁶Informações coletadas do Currículo do Curso. Disponível em:

http://pedagogia.ufsc.br/files/2013/07/matriz_curricular2009.pdf. Acesso 29 de Junho de 2015.

créditos, ou 1.152 horas. Já o eixo da **Pesquisa**, compreendida como mediação necessária a apropriação das bases epistemológicas, científicas e metodológicas do conhecimento educacional e escolar, visa a formação do professor como pesquisador. Os dois princípios orientadores do Projeto Pedagógico do Curso - a docência como base da formação do professor compreendido como intelectual e pesquisador, ficam, portanto assegurados pelos eixos orientadores da matriz curricular (PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA - UFSC, 2006, p. 21 grifo nosso).

Conforme mostra quadro abaixo:

Quadro 1: Distribuição dos componentes curriculares em seus eixos norteadores

Eixos/CH h	Componentes curriculares	Natureza
<i>Educação e Infância</i> 38 c (684)	Educação e Infância I, II e III (relacionados às concepções, campos disciplinares e aspectos históricos da infância e das instituições escolares de educação da criança).	Comum
	Educação e Infância IV, V e VI e VII (específicos à Educação Infantil – EI; estágio em Educação Infantil)	Específico à Educação Infantil
	Educação e Infância VIII (específico aos anos iniciais do Ensino Fundamental – EF)	Específico aos anos iniciais EF
<i>Organização dos processos educativos</i> 26c (468h)	Organização dos Processos Educativos I e II	Comum
	Organização dos Processos Educativos na Educação Infantil I e II	Específicos da EI
	Didática I e II	Específicos dos anos iniciais da EF
	Organização dos processos coletivos do trabalho escolar	Específico dos anos iniciais da EF
<i>Pesquisa</i> 29c (522 h)	Iniciação à Pesquisa	Comum
	Pesquisa em Educação I, II III	Comum
	Núcleos de Aprofundamento e Diversificação de Estudos – NADEs	Comum / específicos
	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	Comum

FONTE: Tabela extraída do Projeto Pedagógico Curso de Pedagogia, 2006, p. 20.
Disponível em: http://pedagogia.ufsc.br/files/2013/07/matriz_curricular2009.pdf. Acesso 29 de Junho de 2015.

Sobre a organização curricular o Projeto Pedagógico explicita que

A distribuição dos componentes curriculares, considerando-se sua carga horária, procurou observar a relação entre os eixos estruturantes da matriz curricular e os princípios orientadores do Curso: o eixo Educação e Infância totaliza maior densidade de carga horária, seguindo-se aquele da Pesquisa e da Organização dos Processos Educativos. Destes eixos, dois aglutinam disciplinas cujos conteúdos relacionam-se diretamente a formação para a docência, compreendida

no seu sentido estrito e como atividade relacionada ao trabalho pedagógico da escola; são estes: Educação e Infância e Organização dos Processos Educativos. Tomados em seu conjunto totalizam 64 créditos, ou 1.152 horas. Já o eixo da Pesquisa, compreendida como mediação necessária a apropriação das bases epistemológicas, científicas e metodológicas do conhecimento educacional e escolar, visa a formação do professor como pesquisador (PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA - UFSC, 2006, p. 21).

O currículo deixa evidente que o eixo central do Curso é o da Educação e Infância; em todas as fases ocorre a presença desta disciplina que é muito importante para a formação dos futuros professores, pois abarca conceitos importantes que fazem refletir e compreender o que é infância, criança, o que é sujeito histórico-cultural, educação, escola, ensino, aprendizagem e outras noções pertinentes. No Projeto Pedagógico o objetivo deste eixo é

[...] articular, de forma orgânica, os componentes disciplinares que fornecem a base para a atuação docente tanto na Educação Infantil como nos anos iniciais do Ensino Fundamental, preservando tanto a transmissão dos conteúdos relacionados aos fundamentos de seus campos disciplinares como os conhecimentos específicos relacionados à organização dos processos de ensino/ educativos em cada um destes níveis (PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA - UFSC, 2006, p. 21).

No eixo que se refere à Organização dos Processos Educativos pelas disciplinas elencadas fica evidente que ocorre uma preocupação em nortear os estudantes para os processos que seguem as práticas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental nos Anos Iniciais, fazendo diálogos com a organização da escola e qual seu papel social. São oferecidas disciplinas que fazem o acadêmico refletir sobre a prática pedagógica e os possíveis desdobramentos dos processos metodológicos.

Dado o exposto, o objetivo deste eixo compreende em

[...] aproximar e aprofundar estudos relacionados à organização dos processos educativos na escola e nas creches e pré-escolas. Tem como ponto de partida o direito à educação e seus fundamentos, os estudos sobre a organização dos sistemas de ensino em nível nacional, estaduais e municipais, as diferentes modalidades de ensino e as formas de organização do trabalho escolar (PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA - UFSC, 2006, p. 21).

O último eixo estruturante da matriz curricular é o da Pesquisa, cujo enfoque central é mostrar para o discente como se efetivam as pesquisas, quais tipos existem, quais os processos metodológicos empregados para as diferentes linhas de investigação.

Detém como objetivo “aproximar e possibilitar o aprofundamento de estudos no campo da pesquisa educacional - produção teórica na área, elementos da pesquisa em educação - processos de investigação e seus fundamentos epistemológicos e metodológicos” (PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA - UFSC, 2006, p. 23).

3.4. Tornar-se negra: “uma construção desde a infância, o deixar de ser negro, por que negro era ruim, negro era pejorativo”

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (SOUZA, 1983, p. 23).

Se assumir como mulher negra de cabelo afro, que tem lábios carnudos, cuja cor da pele é pura melanina, expor seu local de pertencimento para a sociedade, vislumbrar-se no espelho enxergar-se uma mulher maravilhosamente bela por ser negra. Ter esta atitude explícita de pertencimento a um grupo para quem é negro não é fácil, principalmente quando estamos nos referindo a mulher negra.

[...] pertencer a um grupo minoritário implica em muito mais do que simplesmente identificar-se com seus propósitos. Implica, em acreditar nos ideais do grupo, e muito mais do que isso: saber, sentir e experimentar as consequências de ser minoria; implica finalmente, num processo identitário (MIRANDA, 2011, p. 48).

Comprendemos identidade como Hall (2002) explicita

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, como confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambieante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2002, p. 13)

Ou seja, a identidade é engendrada por interlocuções dentre semelhanças e

disparidades na relação com o outro ou com algum grupo, ou ainda, “[...] as identidades se constituem a partir de referenciais edificados nas relações do indivíduo com o outro, e vice-versa” (MIRANDA, 2011, p. 54).

Miranda (2011) corrobora acerca da identidade,

[...] se caracteriza como fenômeno grupal e individual, que ocorre através da articulação entre igualdade e diferenciação, de forma que ela é engendrada a partir da percepção de distinções e semelhanças de um indivíduo em relação a um outro ou a grupos de referência, configurando a expressão de personagens através da representação de vários papéis (MIRANDA, 2011, p.53).

Toda construção da identidade negra de Diamante foi sendo produzida paulatinamente, “as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 1997, p. 25). Advinda de um contexto familiar no qual o racismo e o preconceito eram presentes, como a mesma nos descreve:

[...] eu venho num contexto bem racista [...], bem preconceituoso, bem tudo isso assim [...] Então, na verdade acho que foi todo o processo que vem lá desde a infância entendeste? Ninguém queria ser negro na minha infância entendeu? Tanto é que o apelido que se dava pra negro era pretinha do codó, cabelo de bombril. Então tudo isso eu suporrei dentro da escola, era chamada pretinho do codó, cabelo de bombril, cabelo de palha de aço, não é nem bombril, é cabelo palha de palha de aço, breu (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Conforme mencionado, percebemos que desde criança possuía uma marca que a “condenava”, a cor da pele. “O sujo está associado ao negro: à cor, ao homem e à mulher negros” (SOUZA, 1983, p. 29). E esta a diferenciava dos demais sujeitos que conviviam com ela. O negar-se ser negra estava presente em sua vida e no seu cotidiano. Diamante desempenhava um determinado papel social de acordo com sua vontade; cada pessoa é co-responsável por sua constituição identitária e somente nós mesmos podemos dar vida a esta significação da identidade.

Cada indivíduo, ao desempenhar diferentes papéis sociais à sua maneira, conforma a autoria do próprio processo identitário, dando corpo e significado às várias personagens de maneira peculiar. Desse modo, o processo identitário ocorre através da objetivação de múltiplas personagens concretizada na atividade social. Uma identidade que se dá pela atribuição e adjudicação de papéis e que se realiza, ao mesmo tempo, através da socialização e individualização (MIRANDA, 2011, p. 53).

Alguns tentam fugir de sua condição, não desejam afirmar-se em suas raízes culturais, em sua própria herança social e cultural. O povo negro é privilegiado quanto a riquezas nas mais diversas manifestações da arte, seja na dança, religião, capoeira e outros o negro se sobressai perante os brancos.

Diamante relata:

Eu fui uma criança que desde cedo compreendi que ser negro era ruim, era feio, cabelo de negro é feio, como negro se veste é feio, negro fede, negro não cheira; negro corre, negro não anda [...] Na minha infância o que eu mais adorava era, tipo, alguém da minha família casar com branco por que tava clareando a família. Então eu passei todo esse processo querendo fugir do que era ser negro, tanto é que eu fui conhecer religião, a religião afro, o candomblé aqui em Santa Catarina [...](DIAMANTE, MARÇO/2015).

Quando criança escutava e convivia com expressões preconceituosas em relação aos negros, o preconceito e “[...] o racismo como a materialização literal do preconceito na sociedade, como a sua manifestação mais visível, como o efeito mais aparente das relações de poder” (MIRANDA, 2011, p. 72), são as formas mais grotescas de discriminações. Julgar o outro pela cor da pele, por seu tipo de cabelo, por seu estereótipo, por ser gorda ou magra, por ser alto ou baixo, e até mesmo, por sua condição de gênero é absurdamente inconcebível. Segundo Camargo (2005)

[...] o estigmatizado, aberta ou veladamente é levado a ver-se e movimentar-se como estigmatizado, estranho, exótico, estrangeiro, alheio ao "nós", ameaça, a despeito de saber que se trata de mentira. Precisa elaborar e desenvolver a auto consciência crítica analisando o estigma e o estigmatizador, o intolerante e a condição de subalternidade em que está jogado (CAMARGO, 2005, p. 128 *apud* IANNI, 2004, p. 220).

Estamos no século XXI e atitudes como estas presenciamos todos os dias, e lamentavelmente a sociedade parece estar estanca a atrocidades como o preconceito racial, o racismo, as desigualdades sociais e as discriminações. Acerca do preconceito racial no Brasil, Miranda (2011, p. 47) revela que “enquanto reflexo de uma herança histórica peculiar, incide principalmente sobre as características físicas dos sujeitos e manifesta-se através de atitudes encobertas”. Melhor dizendo, existem e muitos casos de preconceitos, porém, tais são escamoteados por uma sociedade engessada em sua lama fétida de indivíduos que aprovam o racismo.

No excerto no qual Diamante fala “[...] aí vem toda aquela carga desde criança ser negro, tem todas essas, essas rotulações sabe?”(MARÇO/2015). Nos remete

novamente para um contexto preconceituoso, onde o negro é e continua sendo visualizado por muitos como um sujeito sujo e sem capacidade para realizar qualquer coisa.

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da “natureza negra” enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações (SOUZA, 1983, p. 27-28).

Em toda sua narrativa Diamante deixa explícito que chega na UFSC passando pelo processo de deixar-se embraquecer. Conforme Costa (1982, p. 7) descreve “O sujeito negro, possuído pelo ideal de embranquecimento, é forçado a querer destruir os sinais de cor do seu corpo e de sua prole” . Deste modo não consegue assumir-se como mulher negra. *“Eu acho que eu cheguei aqui no processo de deixar de ser negra sabe assim [...] Aqui na UFSC. Não na UFSC, assim. Acho que de deixar de ser negra, de não me aceitar como negra sabe?” (DIAMANTE, MARÇO/2015).* Porém, não imaginava que sua ótica iria se transformar quando cursasse a disciplina intitulada Diferença, Estigma e Educação, que aborda questões centrais e importantes sobre a estigmatização, a diferença e a educação sob o viés de um olhar apurado para as questões étnico-raciais. A docente em questão foi a propulsora desta mudança de pertencimento que Diamante possuía de si mesma e desencadeia o processo de (re)construir-se como mulher negra. Evidenciamos neste momento a valia na qual consiste o papel do professor na formação histórico-cultural do indivíduo. Cursar essa disciplina trouxe outra realidade para a vida de Diamante.

E aí quando eu chego aqui na UFSC, e especificamente com a disciplina da Joana, aí eu começo [...] a compreender um pouco de tudo assim (sorrisos) de todo esse contexto. E aí eu começo a um pouco também a buscar esse outro meu lado, esse meu lado de mulher negra mesmo, de me ver como negra, de reconhecer que sou preta, de gostar de ser preta, de dizer “sim sou preta sim, e daí?”. O que que tem de feio em ser preta? Não vejo. Muito pelo o contrário, sou uma pretinha que cheiro muito melhor do que um monte branquinha. Não tenho CC (sorrisos), entendeste? E aí eu começo a... A me ver como outra pessoa, como outro ser humano. Isso é muito bom. Isso e ao mesmo tempo que é bom é muito louco. Por que ao mesmo tempo que você aceita, você nega entendeste? Eu vivo um pouco ainda nesse contexto, ao mesmo tempo que eu aceito o fato de ser negra, eu nego entendeste? (DIAMANTE, MARÇO/2015).

A partir desse momento sente-se mais pertencente a um grupo que por muitos

anos negligenciou. Enfim, iniciava seu processo de aceitação de ser mulher negra, de enxergar-se como mulher negra, de se permitir a usar roupas coloridas por que gosta sem importar-se com opiniões adversas.

“O sentido de pertencimento a diferentes grupos - étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. - constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse “empurrado” em diferentes direções”, como diz Stuart Hall (1992, p. 4). Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos (LOURO, 1997, p. 24-25).

De acordo com Gomes (2005) acerca da identidade negra

[...] se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo (GOMES, 2005, p. 43).

É chegado o momento de Diamante se descobrir subjetiva e objetivamente como negra: *“Eu acho que eu tô passando por esse processo, eu tô vencendo esse processo, eu tô construindo esse processo” (DIAMANTE, MARÇO/2015).*

Por que você tem que se desvincular de muita coisa que você já tem de toda uma vida, pra a partir de agora você se apropriar daquilo que você acredita, daquilo que de fato é ser negra. De gostar de uma roupa colorida por que você é negro, você gosta da vida, entendeu? De gostar de determinada comida por que você é negro, você foi criado dentro dessa cultura, você tem isso dessa cultura, sabe; de gostar daquela música, por que essa música vai falar pra ti sabe, entendeu? Então quer dizer, eu tô nesse [...] nesse processo. E isso foi muito bom, por que foi a UFSC que me deu, querendo ou não se eu nunca tivesse entrado aqui eu nunca ia descobrir. Muito pelo contrário, eu ia sempre aceitar que como negro eu não tenho direito a educação, eu não tenho direito a nada, sabe. Eu só tenho dever pra cumprir nesse país; agora direito não. Apesar de que nós vivemos numa sociedade que coloca direitos iguais, fraternidade. Pra mim aquilo tudo é baboseira, por que de fato isso não... É pra quem? Pra uns, pra outros não? Como vamos ter um ideal se não é isso? (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Pela primeira vez nossa coadjuvante torna-se a protagonista de sua vida, as amarras que a prendiam estão sendo soltas; ela mesmo está saindo desta prisão de receios, medos, angústias para um mundo com mais vivacidade, mais alegre e menos doloroso. Sabemos que “[...] *é bem difícil ser negra dentro do Brasil [...]*” (DIAMANTE, MARÇO/2015); constatamos isso em todos os relatos que a nós foram gentilmente concedidos. Ficamos admirados com a determinação e força de vontade desta mulher negra que processualmente foi metamorfoseando o contexto de sua vida na graduação e no âmbito profissional. Como ela descreve

Mas acho que a gente tem uma... Uma força que não dá pra você falar como é essa força; é uma força interior muito grande, é uma força de vencer, é uma força de mostrar “eu tô aqui, eu sou cotista, eu sou negra, eu tenho sangue de negro na veia; esse país é negro e eu quero fazer parte dessa sociedade”, sabe? (DIAMANTE, MARÇO/2015).

Há no negro uma força que advém de seu interior, de sua história de luta e resiliência¹⁷ e é essa força que os impulsiona para continuarem na luta contra as desigualdades sociais existentes na sociedade. Compreendemos que “as identidades, constituídas no contexto da cultura, produzem-se em meio a disputas, supõem classificações, ordenamentos, hierarquias; elas estão sempre implicadas num processo de diferenciação” (LOURO, 2000, p. 63). Desta forma, a identidade é construída na sociedade pela cultura e indivíduos que a compõem. As questões de gênero estão presentes na identidade do sujeito através de seus corpos, corpos esses que legitimam ou negligenciam a condição do indivíduo. Os corpos também são produzidos pela cultura e na cultura da qual o sujeito está inserido, as determinações físicas tornam-se importantes para tenha ou não seu aceite no espaço social. Os seus traços determinam qual o seu lugar de pertencimento na sociedade

¹⁷Resiliência é um termo provindo do latim “siliē” (saltar) acrescido do prefixo “re” (novamente) sendo entendido atualmente como voltar ao estado normal. O termo resiliência, com o tempo, passou a ser utilizado também em Psicologia, Ecologia e Administração, além da Física, possuindo em cada uma dessas áreas um significado próprio, adaptado ao estudo que se dele se faz. A resiliência na Psicologia define a capacidade de um indivíduo lidar com os próprios problemas, superar os obstáculos, as adversidades, e resistir à pressão em situações adversas sem entrar em algum surto psicológico. A resiliência emocional é a capacidade de superar problemas. Alguns estudiosos da Psicologia propõem que a resiliência é a combinação dos fatores psíquicos que criam no ser humano as condições de superar e enfrentar os problemas, enquanto outros consideram que se trata da tomada de decisão entre o problema e a vontade de vencê-lo.

FONTE: Significados Br. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/resiliencia>. Acesso 3 de Agosto de 2015.

Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas: que determinados traços ou características podem ter importância, serem considerados notáveis e, então, se constituírem em “marcas” definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes (LOURO, 2000, p. 62).

Estas “marcas” mutáveis que a autora cita são as dessemelhanças culturais existentes dentre os corpos, no qual irão caracterizar o local de pertencimento do sujeito, onde se enquadra na sociedade. Se você está fora do que é instaurado como “normal” no âmbito da sociedade, logo o indivíduo é visto como “anormal” e sua identidade torna-se marcada.

A norma não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a torna, de algum modo, praticamente invisível. Será, pois, a identidade que foge à norma, que se *diferencia* do padrão, que se torna marcada. Ela escapa ou contraria aquilo que é esperado, ela se desvia do modelo. Como tal, ela é, via de regra, representada não apenas por comparação à identidade hegemônica¹⁸, mas a partir do olhar hegemônico, daí que, muitas vezes, a identidade marcada não pode falar por si mesma (LOURO, 2000, p. 68 grifo nosso).

Percebemos então que “não há identidade fora do poder, todas o exercitam e, simultaneamente, todas sofrem sua ação. As identidades fazem parte dos jogos políticos, ou melhor, as identidades *se fazem* em meio a relações políticas” (LOURO, 2000, p. 68). Com isso, concebemos que todo o processo de pertencimento, reconhecimento, aceitação, construção da identidade negra de Diamante foi estruturada fazendo uma interlocução com a sua condição diante da sociedade. A partir do momento que a mesma sentiu-se reconhecida como mulher negra, passou a conceber a sua realidade de modo díspare daquele de quando adentrou na UFSC.

As desigualdades sociais e culturais que permeiam o Brasil e o mundo são fatores presentes na sociedade a séculos; acreditamos que desde os primórdios as distinções de grupos e suas classificações existiam, porém, talvez não evidenciadas. A população negra nessa conjuntura é estigmatizada, a todo tempo acuada às margens desse sistema contraditório, no qual as relações de poder se sobressaem a todo tempo.

Preconceitos, desigualdades, discriminações por causa da sua classe e cor,

¹⁸Identidade hegemônica é aquela imposta pela sociedade como a “normal”. Corroboramos com o pensamento de Louro (2000, p. 68 *apud* LOURO, 1998) quando coloca que “no Brasil, operamos, explícita ou implicitamente, com uma identidade referência: o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. As outras identidades são constituídas, precisamente, como “outras” em relação a essa referência[...]”.

diferença socioeconômica, olhares que denunciam e que provocam, faces que escondem suas vontades, corpos que se submetem e indivíduos que tornam-se invisibilizados por quem são. É, uma triste realidade que se faz presente, não é de agora que conhecemos essa história, não é mesmo? Qual nossa atitude diante destes fatos? Estamos enclausurados dentro de uma sociedade capitalista hipócrita que impõe como devemos nos comportar e agir diante dos demais sujeitos, nos submetemos a sermos coagidos para estarmos introduzidos na perspectiva de uma sociedade que anuncia que é igualitária e justa, mas que esconde sua verdadeira face de preconceitos e discriminações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p. 77).

A realização da presente pesquisa foi um experienciar único. Em determinados momentos nos sentíamos continuamente instigadas, novos questionamentos surgiam, novas aprendizagens e concepções. Construimos, ao término desse processo investigativo, um olhar muito mais sensibilizado e lapidado para as questões étnico-raciais e de gênero; percebemos um mundo diferente daquele que possuíamos no início deste exercício de sermos pesquisadoras.

O objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso foi analisar a trajetória escolar de uma mulher negra cotista, acadêmica do Curso de Pedagogia, com o intuito de compreender como ocorreu seu percurso até a chegada ao Ensino Superior e quais os desafios e enfrentamentos experienciou até tornar-se pertencente ao universo acadêmico. E ainda, como vivenciou as relações étnico-raciais e de gênero em seu processo formativo.

O caminho percorrido para chegarmos às respostas ou possíveis foi longo e árduo, porém foi um dos grandes aprendizados que obtivemos na graduação; nos debruçar sobre a temática que de fato nos desperta interesse e nos estimula a pesquisar, refletir e escrever é magnífico. Claro que em algumas etapas nos encontrávamos meio cansadas, mas este não era motivo para nos desanimar, conseguimos seguir; sob nossa ótica fomos além do que nos propusemos a trilhar.

As etapas primordiais para a realização dessa pesquisa constituíram-se em dois grandes blocos: os processos metodológicos para o desenvolvimento da entrevista, a escolha do sujeito e o delineamento da questão geradora. Compreendemos que essa

primeira parte foi a mais delicada, porque além da efetivação da entrevista narrativa, transcrever as falas demandou um tempo a mais do qual não dispunhamos em demasia. Diante desse fato, nos empenhamos ao máximo para que tudo acontecesse seguidamente - a entrevista depois a transcrição - , pois sabíamos que para termos uma transcrição com qualidade e pormenores era necessário que a mesma fosse feita logo após a entrevista. As análises de conteúdo foram essenciais, executadas em seguida da transcrição, norteando-nos para o recorte inicial de nossa pesquisa. A tabela propiciou-nos uma ampla visão de todo contexto de vida e da trajetória da entrevista; com ela conseguimos visualizar outros temas tão importantes quanto os que investigamos, que futuramente podem vir a serem pesquisados.

Sem dúvida, o segundo bloco dos diálogos entre as narrativas de Diamante e os aportes teóricos que subsidiaram toda nossa escrita foi a etapa mais rica em detalhes e a mais emocionante após a entrevista. Estruturar os excertos da narrativa fazendo a interlocução foi um dos momentos mais prazerosos e gratificantes desta pesquisa. Surgiam constantes *feedbacks* do dia no qual realizamos a entrevista e dos momentos de sorrisos, ênfases e lágrimas da entrevistada, reveladores e emocionantes. Escolhemos passagens narrativas das quais evidenciaram como foi toda a sua trajetória até a chegada na Universidade, e também, como se desenvolveu toda sua evolução para assumir-se como mulher negra. Acreditamos que essa segunda parte declara, mais uma vez, como é a situação e condição do negro no país - no caso, da mulher negra - e de como ele se visualiza. As questões étnico-raciais vivenciadas por Diamante ganharam muita vivacidade em todo desenvolvimento de sua narrativa.

A mulher negra sofre mais preconceito do que qualquer outro sujeito no contexto da sociedade capitalista brasileira e isso a torna invisibilizada perante ao outro. Em sua trajetória Diamante vivenciou momentos que marcaram sua vida. Oriunda de uma família humilde do interior do Maranhão, desde criança desejava adentrar na escola, detinha a vontade de estudar e habitar o espaço escolar. Sua caminhada foi árdua até seu ingresso na UFSC e ao chegar nesse lugar privilegiado enfrentou com maestria as dificuldades que encontrou no meio acadêmico, brigou, lutou, distribuiu sorrisos e lágrimas, abraços e afetos. Diamante após quatro anos e meio de graduação chega ao término com uma sensação de vitória. Foi uma conquista tudo o que alcançou nestes anos; adquiriu novos conhecimentos, suas dificuldades com a língua portuguesa não estão tão evidentes, diferente de quando chegou na Universidade. Aprendeu com erros e acertos, lapidou seu olhar com relação as pessoas, aprendeu a não rotular e a deixar-se ser mais flexível perante o outro. Em nenhum momento Diamante pensou em desistir,

teve perseverança na luta e acreditou em si mesma. Nas palavras de Camargo (2005, p. 177) “cabe aos negros, com base em sua história avançar rumo aos seus objetivos, os quais vão exigir esforço pessoal, persistência, não se deixando esmorecer, já que as dificuldades não desaparecerão num passe de mágica”.

A referente investigação nos aponta o que de fato conhecemos há séculos: a condição social do negro na sociedade é e continua sendo atravessada por desigualdades e preconceitos, principalmente quando tratamos de mulheres negras. Infelizmente nos parece que essa realidade esta longe de ter um fim, um ponto final um desfecho digno para a população negra. A história da trajetória de Diamante é somente uma em milhões de histórias que retratam basicamente as mesmas situações que a entrevistada nos descreveu de preconceitos, discriminações, olhares duvidosos, de pessoas que subestimaram sua capacidade pelo fato de ser negra e mais ainda por ser empregada doméstica. Os Movimentos Negros continuam na batalha para tentar modificar a atual realidade; se irão conseguir, pois bem não sabemos a resposta, porém é de nosso conhecimento que muito conquistou-se até o presente momento nesse cenário repulsivo da sociedade que determina e regra a vida do sujeito intitulado de “normal” ou “anormal”. Dentre as pesquisas encontradas na área, sentimos falta de trabalhos mais voltados para as especificidades da construção de identidade da mulher negra e posteriormente seu empoderamento nas esferas da sociedade, e também, as possíveis causas desse processo identitário ocorrer mais tardiamente.

Galgamos por uma estrada delicada e tênue; pesquisar acerca das questões étnico-raciais e de gênero, e ainda, trabalhar diretamente com uma história verídica de vida de uma pessoa é simplesmente enriquecedor e transformador. Somos gratas por tamanha generosidade de Diamante em expor sua vida para nós de maneira impactante e intensa, o que, contribuiu para esmerar nosso olhar para essa temática, que traz consigo marcas históricas sob a pele da população negra. Nossa experiência foi única, singular e verdadeiramente forte. Sob a ótica de Bondía (2002)

[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (BONDÍA, 2002, p. 19).

Ou seja, a experiência nos tocou de tal forma que vislumbrou nossas vontades de adentrarmos mais profundamente nos temas pesquisados. O que nos toca é o que nos comove e o que nos modifica.

As questões de raça e gênero são temáticas intensas e densas que envolvem aqueles que se dispõem a pesquisar sobre este assunto. Essa pesquisa foi importante para podermos evidenciar o quanto as mulheres, e principalmente as mulheres negras, ainda são vítimas da invisibilidade, o lugar que elas ocupam ainda são os marginalizados pela ótica do branco e de sua falsa supremacia. Felizmente, muitas destas mulheres negras estão se empoderando e conseguem ocupar o seu devido espaço na sociedade capitalista na qual vivemos. A resiliência vem se tornando presente na vida dessas mulheres negras, deste modo estão conseguindo superar os preconceitos e os desafios presentes em suas vidas, que são impostos pela própria sociedade que detém um discurso igualitário e justo que não se concretiza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr nº 19. 2002.

BRASÍLIA, Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

Acesso 10 de Janeiro de 2015

CAMARGO, Edwiges Pereira Rosa. **O negro na Educação Superior. Perspectivas das ações afirmativas**. Tese de Doutorado, 192 p. Campinas: Unicamp, 2005.

Disponível em:

http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/unicamp_tese_2005_EPRCamargo.pdf

Acesso 29 de Junho de 2015.

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: a violência do racismo**. Rio de Janeiro, 1982, p. 1-16. *In*: SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. Belo Horizonte, 1996.

Disponível em:

<http://pt.slideshare.net/profesonlineedu/texto-a-escola-como-espao-scio-cultural-dayrell-dia-02-de-setembro>

Acesso 11 de Junho de 2015.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. - 1. ed. - 8. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral - memória, tempo, identidades**.

Belo Horizonte : Autêntica, 2006.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, nº 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>

Acesso 25 de Maio de 2015.

FERREIRA, Norma Sandra De Almeida. **As Pesquisas Denominadas “Estado Da Arte”**. Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79, Agosto/2002.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>

Acesso 31 de Maio de 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão, p. 39-62. *In*: BRASÍLIA, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Coleção Educação para todos, 2005.

GONÇALVEZ, Rita de Cássia. Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho. *In*: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de Jovens e Adultos, Diversidade e o Mundo do Trabalho**. Ijuí: Editora Unijuí, 2012. p. 27-61.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativas: tipos fundamentais**. RAE - Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35. nº 3, p. 20-29, Maio/Junho, 1995.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOLANDA, Maria Auxiliadora Gonçalves de; WELLER, Wivian. **Trajetórias de vida de jovens negras da Universidade de Brasília no contexto das ações afirmativas**.

Poiesis, Tubarão. V.8, n.13, p. 57 - 80, Jan/Jun, 2014.

Disponível em:

<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index>

Acesso 17 de Janeiro de 2015.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane Neckel; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade**. In: Educação & Realidade - v.25, n.2, jul/dez 2000.

_____, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma pesquisa pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Cecília de Souza (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31 Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MIRANDA, Scheila Ferreira. **Identidades de afro-descendentes: resistência e preconceito como motores de um processo em produção**. Recife: Abrapso, 2011.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**. ENESB-RJ, 2013.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo:

Global, 2006.

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do. **Histórias de Vida de Professoras Negras: trajetórias de sucesso**. EdUFMT: Mato Grosso, 2013.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998.

OLIVEIRA, Silvia Maria de. Alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de Jovens e Adultos, Diversidade e o Mundo do Trabalho**. Ijuí: Editora Unijuí, 2012. 183-196.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 8. ed. São Paulo : Contexto, 2003, p. 128-148.

PASSOS, Joana Célia dos. **Relações raciais, cultura acadêmica e os tensionamentos após as ações afirmativas**. (relatório pós-doc). UFSC, 2013.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. **Narrativas memorialísticas: memória e literatura**. Revista Contemporânea de Educação N ° 12 - agosto/dezembro de 2011.

SANTOS, João Paulo de Faria. **Ações afirmativas e igualdade racial: a contribuição do direito na construção de um Brasil diverso**. 2. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SOUZA, Claudenir de. O trabalho doméstico no Brasil. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Prêmio **Mulheres Negras Contam sua História**, Brasília, 2013.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia; PÁDUA, Karla Cunha et. al. **Memórias e percursos de estudantes negros e negras na UFMG**. Belo

Horizonte: Autêntica, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Pesquisa qualitativa**. IN: TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução a pesquisa em ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2006. Capítulo 05: p. 116-158.

UFSC, **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. 2006.

Disponível em: http://pedagogia.ufsc.br/files/2013/07/matriz_curricular2009.pdf.

Acesso 29 de Junho de 2015.

WELLER, Wivian. **Diferenças e desigualdades na Universidade de Brasília: experiências de jovens negras e suas visões sobre o sistema de cotas**. Política e Sociedade, nº 11, Outubro, 2007.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/1264/1205>

Acesso 17 de Janeiro de 2015.

WERNECK, Jurema. **Mulheres Negras: um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil**, 2010.

Disponível em:

www.criola.org.br/pdfs/publicacoes/livro_mulheresnegras.pdf

Acesso 17 de Janeiro de 2015.

6. APÊNDICE

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a participar da pesquisa “**Mulher Negra no Ensino Superior: ‘eu quero fazer parte dessa sociedade’**” sob a orientação da Professora Dra. Joana Célia dos Passos. Se você concordar em participar, basta ler, preencher e assinar a declaração. Agradecemos pela atenção, compreensão e apoio!

Eu _____

concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário/a da pesquisa “**Mulher Negra no Ensino Superior: ‘eu quero fazer parte dessa sociedade’**” e afirmo que me foi esclarecido que:

O objetivo desta pesquisa é: **analisar as trajetórias escolares de estudantes negras cotistas no Curso de Pedagogia a fim de compreender como vivenciaram as relações étnico-raciais e de gênero em seus processos formativos.**

Meu nome não será divulgado e todo o conteúdo da entrevista será preservado, sendo utilizado somente para as publicações decorrentes das análises realizadas.

Apenas os pesquisadores envolvidos com o projeto terão acesso à gravação da entrevista e sua transcrição. Após a análise dos dados, a gravação da entrevista e a transcrição ficarão sob a guarda da Coordenadora do Projeto.

Em caso de dúvidas, poderei entrar em contato com a Professora Dra. Joana Célia dos Passos, responsável pela pesquisa, por meio: do telefone (48) 96178644; e do e-mail: joana.passos@ufsc.br. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto a dúvidas por mim apresentadas. DECLARO, ainda, que após devidamente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto por livre e espontânea vontade em participar desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Florianópolis, _____ de _____ de 2015.

Assinatura da Entrevistada.

Roteiro da Entrevista

Nome:

Idade:

Casada? Solteira?

Filhos? Quantos?

Pergunta geradora - eixo central:

Relate como foi o seu percurso, a sua caminhada antes de adentrar na Universidade. Tudo o que você julgar importante e pertinente acerca de sua vida e que tenha relação com seu ingresso na Universidade Federal de Santa Catarina. Conte-me suas experiências dentro da UFSC, como estudante negra cotista oriunda da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Disserte sobre seus sentimentos, anseios, atividades e possíveis casos de preconceitos ou discriminações raciais que tenham ocorrido com você até o presente momento.

Roteiro

- ✚ Como foi sua trajetória de vida até o presente momento? Ou seja, até seu ingresso na Universidade?
- ✚ Como você se vê em termos étnico-raciais? Você já se visualizou de forma diferente? Se sua resposta for sim, relate o que ocasionou sua mudança de visão.
- ✚ O que as fez decidir pelo Curso de Pedagogia? Por que a Pedagogia?
- ✚ Como conciliam o estudo, o trabalho e a família?
- ✚ Que desafios enfrentaram durante o Curso e antes do mesmo?
- ✚ Como o Curso as acolheu?

- ✚ Como foi ser uma estudante cotista negra no Curso e na Universidade?
- ✚ Qual foi e como foi sua participação em um Grupo de Estudos ou Núcleo na UFSC?
- ✚ Você observou alguma diferença na relação existente entre docentes e alunos cotistas e professores e discentes não cotistas?
- ✚ Em alguma disciplina ministrada no Curso de Pedagogia ou em algum outro espaço da Universidade você participou de debates, palestras ou minicursos acerca do tema da desigualdade racial ou socioeconômica no Brasil?
- ✚ Qual é a sua postura acerca das cotas étnico-raciais nas Universidades? Seu pensamento continua o mesmo ou mudou sobre este tema? Já pensou de forma diferente? Se sim, explicita o que te fez mudar de opinião a respeito do mesmo.
- ✚ Você gostaria de dizer alguma coisa a mais? Algo que passou e que você gostaria de destacar?